



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE PARÁ - UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE - ICS
CURSO BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA**

ÁUREA NINA MONTEIRO

**“MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE”
Nos corpos diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam
o tempo**

**SANTARÉM
2022**

ÁUREA NINA MONTEIRO

**“MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE”
Nos corpos diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam o
tempo**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito final para obtenção do grau de bacharel em Antropologia.

Orientadora : Profa. Dra. Carla Ramos

**SANTARÉM
2022**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/ UFOPA

M775m Monteiro, Áurea Nina
Memória e ancestralidade nos corpos diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam o tempo. /Áurea Nina Monteiro . – Santarém, 2022.
54 p.: il.
Inclui bibliografias.

Orientadora: Carla Ramos Munzanzu.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Curso Bacharelado em Antropologia.

1. Escrivência. 2. Memória. 3. Mulher Negra. I. Munzanzu, Carla Ramos, *orient.*
II. Título.

CDD: 23 ed. 305.80098115

ÁUREA NINA MONTEIRO

**“MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE”
Nos corpos diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam o
tempo**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado ao curso de Bacharelado em Antropologia do Instituto de Ciências da Sociedade (ICS) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), como requisito final para obtenção do grau de bacharel em Antropologia.

Conceito : 10

Data de Aprovação 04 / 02 / 2022

Prof Dra. Carla Ramos

Orientadora – Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Dra. Lucybeth Arruda

Arguidora – Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA)

Profa. Ma. Urânia de Oliveira Rodrigues

Arguidora – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

A todas às nossas ancestrais: as Marias: Hildebrandina, Valdomira, Antônia, Nair, Nancy, Lucinda, Naide, Izabel, Teresa e tantas outras que desconhecemos seus nomes.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me conceder: saúde, inteligência, sabedoria e o dom da vida.

Aos meus filhos, pelo apoio e compreensão: Márcio, Márcia, Arinaldo, Ádria, Andréa e Júnior. Especialmente, à Ádria, Andréa e Márcia, que me auxiliaram na leitura e correção deste. Obrigada!

Ao meu parceiro, Raul Rocha Silva, pelas correções e demais auxílios no elaborar deste.

Às netas e netos: Nayara, Jéssica, Márcia, Carolina, Mayana, Áurea, Marina, Nayla, Juan e Márcio. Especialmente à Jéssica e Juan, pela ajuda nas pesquisas da internet e também na leitura e aprimoramento do trabalho.

Às minhas noras: Lúcia e Carla e ao genro Ronaldo, pela contribuição da pesquisa de obras literárias na internet.

A todas e a todos os professores dos cursos de antropologia e arqueologia que compartilharam conosco, seus conhecimentos: Lucybeth Arruda, Helena Schiel, Dassuem Nogueira, Florêncio Vaz Filho, Vinicius de Oliveira, Raoni do Valle, Bruna Rocha, Bruno Ranzani, Raiana Ferrugem, Eduardo Nunes, Miguel Suárez, Luciana França, Luciana Carvalho, Júlia Brussi, Rubens Elias da Silva e Carla Ramos. A vocês meu carinho e gratidão. Obrigada!

À professora doutora Carla Ramos, que me instigou ao aprofundar da leitura e pesquisa na literatura-escrevivência de Conceição Evaristo, bem como orientou-me na elaboração deste. A você minha admiração pela profissional sensível e comprometida com a educação. Sendo ainda grande incentivadora e defensora da pesquisa e do ensino público gratuito e inclusivo. Um ser humano maravilhoso, que irradia alegria e confiança. A você meu respeito, carinho e gratidão.

Ao presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à presidenta Dilma Rousseff, pela criação de 18 universidades públicas e 178 campi universitários por todo país.

À UFOPA-Universidade Federal do Oeste do Pará por abrir possibilidades de acesso ao ensino público superior aos estudantes pobres do interior da Amazônia: indígenas, negros, LGBTQIA+ e demais subalternizadas/os desse país.

Axé!

Vozes-Mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas
alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos
brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas
vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(EVARISTO, Conceição. Cadernos
Negros, 1990).

RESUMO

O racismo está no cerne da formação da sociedade brasileira. E este se instituiu ao longo da história sob diferenciadas maneiras que encontraram, em contrapartida, diversificadas formas de resistência e denúncia. Este trabalho, intitulado **“MEMÓRIA E ANCESTRALIDADE”:** **nos corpos diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam o tempo**, aborda essa temática da corporalidade negra no enfrentamento do racismo e discriminações advindas deste, e a denúncia e resistência manifestadas através da produção literária da “Escrevivência” de autoria da intelectual negra Conceição Evaristo. A Escrevivência como proposta epistemológica acadêmica pretende proporcionar a possibilidade de lançar um novo olhar sobre as vivências diferenciadas que construíram e constroem a sociedade brasileira. Neste sentido, este trabalho teve por objetivo demonstrar como a literatura de Conceição Evaristo, nas obras *Ponciá Vicêncio* e *Olhos D’água*, pode ser instrumento de apreciação do campo antropológico, tomando a “Escrevivência” como forma de denúncia social da persistência do racismo no Brasil. Sendo uma pesquisa bibliográfica, buscou-se a realização de uma análise crítica, sob um olhar antropológico, das duas obras citadas anteriormente, assim como, tomou-se como referência as palavras da própria autora ao falar de seu método de escrita e produção literária de maneira a evidenciar a perspectiva antropológica. Os resultados do trabalho, apontam para a possibilidade palpável de verificação antropológica de aspectos sociais como o racismo, sob a perspectiva da Escrevivência, uma vez que se constatou nas análises uma riqueza de reflexões sobre as formas de racismo estrutural e institucional, que se inicia com o processo de escravização e persiste à contemporaneidade da sociedade brasileira.

Palavras-chave: Escrevivência. Memória. Ancestralidade. Povos Diaspóricos. Mulher Negra. Racismo. Violência.

ABSTRACT

Racism is at the heart of the formation of Brazilian society. And this has been instituted throughout history in various forms, which have also found diverse forms of resistance and denunciation. This work, entitled "**MEMORY AND ANCESTRY**": **in diasporic bodies: marks of racism and violence that defy time**, addresses this theme of racism and resistance through the literary production of denunciation, called "writing" by the writer Conceição Evaristo. Writing as an academic epistemological proposal aims to provide the possibility of launching a new look at the differentiated experiences that have built and built Brazilian society. In this sense, this work aimed to demonstrate how conceição Evaristo's literature, in the works *Ponciá Vicêncio* e *Olhos D'água*, can be an instrument of appreciation of the anthropological field, taking "writing" as a form of social denunciation of the persistence of racism in Brazil. Being a bibliographical research, we sought to perform a critical analysis, under an anthropological view, of the two works mentioned above, as well as, we took as reference the words of the author herself when talking about her method of writing and literary production in order to evidence the anthropological perspective. The results of the work point to the palpable possibility of anthropological verification of social aspects, such as racism, from the perspective of writing, since it was verified in the analysis a wealth of reflections on the forms of racism perpetrated in Brazilian society. That begins with the process of enslavement and remains to this day.

Keywords: Writing. Memory. Ancestry. Diasporic peoples. Black woman. Racism. Violence.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras FLIP Festa Literária de Paraty
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPEA	Instituto de Pesquisa Econmica Aplicada
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo e Assexuais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	1
2	BREVE HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO	6
2.1	Uma menina-mulher no contexto diaspóricos brasileiro.	6
2.2	Métodos e obras de Conceição Evaristo	7
2.3	Escrevivência como metodologia acadêmica	9
2.4	A Escrita Como Potência do Saber.....	13
3	ANÁLISE DO ROMANCE “PONCIÁ VICÊNCIO” SOB O MÉTODO DA ESCREVIVÊNCIA.....	16
3.1	Ponciá Vicêncio: Memória e Ancestralidade: Um Romance de Vísceras: dores, odores, sabores e saberes.....	16
4	ANÁLISE DO LIVRO DE CONTOS: “OLHOS D’ÁGUA”.....	28
4.1	A persistência do amor e da ternura em meio ao racismo, à violência e à exclusão.	28
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
	REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Quis iniciar este trabalho etnográfico trazendo na epígrafe a poesia “Vozes Mulheres”, de autoria de Conceição Evaristo, por entender que ela abarca toda uma ancestralidade das mulheres diaspóricas desde o momento em que foram forçadas a deixar o convívio de seus familiares recheados de afetos e de lutas pela sobrevivência no solo africano, para abruptamente serem reduzidas à objetificação de seus corpos, seja como ‘instrumentum vocales’¹ ou como objeto de desejos sexuais dos senhores brancos. Essas mulheres ao longo de cinco séculos foram destituídas da condição de seres pensantes portadores de humanidades, para transformarem-se em “peças”e/ou “mercadorias”; foram desumanizadas. Para além disso, o poema revela a luta, resistência e resiliência contra essa condição que lhes foi imposta, bem como, mostra a persistência da mentalidade patriarcal e colonizadora que se refletem nas práticas do racismo estrutural e institucional no cotidiano vivenciado até a atualidade em solo brasileiro. Mas também acende a esperança que após seis gerações seja possível vislumbrar a conquista da equidade e igualdade de direitos de cidadãs/ãos provedoras/es de liberdade a essa parcela da população que corresponde a 53,6% da sociedade brasileira. (IBGE, 2014)

Este trabalho terá como tema: “MEMÒRIA E ANCESTRALIDADE: nos Corpos Diaspóricos: marcas de racismo e violência que desafiam o tempo. Através deste, tentar-se-á elaborar uma análise antropológica sobre duas obras literárias de autoria da escritora Conceição Evaristo, a primeira trata-se de um romance: “Ponciá Vicêncio” (2003) e a segunda é um livro de contos intitulado “Olhos D’Água” (2016). Ambas foram escritas sob a teoria metodológica da Escrevivência que se propõe a suprir a ausência do debate sobre a corporeidade negra nas produções literárias, historiográficas e antropológicas e nas demais ciências sociais. Ou seja, da/o “Outra/o” em relação à branquitude na produção do conhecimento científico acadêmico.

A Escrevivência como proposta epistemológica acadêmica pretende proporcionar a possibilidade de lançar um novo olhar sobre as vivências diferenciadas que construíram e constroem a sociedade brasileira. Não tem a pretensão de ser a única forma de análise da realidade, mas propõe uma ampliação dessa visão, colocando em evidência a corporificação dos povos diaspóricos, especialmente os corpos femininos, que sofrem uma tripla discriminação: raça, gênero e classe, ou seja, a Escrevivência é a escrita de um corpo, de uma

¹ Termo latim com o qual os escravocratas denominavam os africanos escravizados.

condição, de uma experiência negra no Brasil. Essas experiências ficcionadas são permeadas e atravessadas pela oralidade resgatadas pelas memórias das/os ancestrais, e também das realidades vivenciadas na atualidade pelos povos diaspóricos que nos são reveladas através da literatura de Conceição Evaristo. Para além disso, pretende demonstrar que é possível transformar essa em um campo de pesquisa das vivências dos povos diaspóricos revelando as situações e persistências do racismo estrutural e institucional no cotidiano brasileiro, denunciando à invisibilidade imposta aos corpos diaspóricos e desnudando várias formas de violências físicas, psicológicas e de exclusões no processo de construção da nação brasileira. Portanto, a literatura produzida, sob os moldes da Escrevivência, pode servir não só para análises antropológicas, mas também como um instrumento de reflexão pessoal e social, para o enfrentamento contra o racismo, o machismo e a desigualdade social. Contribuindo, dessa forma, para a construção e implantação de uma sociedade com maior equidade entre as/os cidadã/os brasileiras/os.

O termo Escrevivência, surgiu em 1994, quando Conceição Evaristo, estava elaborando sua tese de mestrado. Ela, em sua simplicidade, diz que: “foi um termo que brotou de mim. Eu queria encontrar um nome que refletisse a minha escrita. Daí eu pensei: Escrever é igual a viver, escrever se vendo, aí eu juntei duas palavras: Subtraí o sufixo da palavra escrita e juntei à palavra, vivência. Daí formou-se: escre + vivência = Escrevivência.” (EVARISTO, 2020, Youtube) Ao longo desses anos muitas interpretações e ressignificações foram incorporadas sobre o mesmo. Para um adolescente do Ensino Fundamental, o conceito significa: “A escrita de nós”, para outras/es/os, denominam: “A Escrita de todos nós”, afirmam que a mesma criou uma nova episteme para a construção do conhecimento científico.

Eu estava no sexto semestre do curso de Antropologia da UFOPA, do ano de 2019, cursando a disciplina Contra hegemônica, ministrada pela Professora Doutora Carla Ramos quando esta me instigou no aprofundar da teoria da Escrevivência na obra de Conceição Evaristo. Confesso que foi uma grata surpresa para mim e paixão à primeira vista.

Ela escreve suas poesias, contos e romances enfocando a população afro-brasileira, com destaque para as personagens femininas, e a maioria de seus contos tem como mote, suas observações, assunções, memórias, vivências, bem como as entrevistas, com várias mulheres que relatam suas experiências de vida e ela as transforma em ficções que revelam as vivências e histórias de muitas outras mulheres. “Representar essa multiplicidade de mulheres é “resistir à objetificação e afirmar a subjetividade das mulheres negras como seres plenamente humanos” (COLLINS, 2016, p. 112, apud, OLIVEIRA, 2021, p. 144)”. São

escritas baseadas nas experiências, que ela enriquece com as suas e parece estar falando das nossas. São obras que mesclam ficção e realidade. São ficções-memória, ficções-ancestralidade, ficções-verdades, ficções-vivências, ficções-experiências, ficções-histórias, ficções-vidas. São histórias que não se encerram em si mesmas, mas revelam um coletivo. Tal observação fica clara no trecho a seguir, retirado da introdução do livro “Insubmissas lágrimas de mulheres”:

Essas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes se (con) fundem com as minhas. Invento? Sim, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma escrevivência (EVARISTO, 2016).

Essa Escrevivência, ao embrincar ficção e realidade nos revela uma gama de fenômenos sociais e existenciais vivenciados pela/o “Eu” branca/o e pela/o “outra/o” diaspóricas/os no contexto da sociedade brasileira. Foi na constatação de que Evaristo não produz apenas ficção que me ancorei para enfrentar esse desafio de produzir um trabalho antropológico que se proponha inclusive em romper com os paradigmas da academia, pois, sinto-me bastante incomodada com o fato de que somente homens brancos produzem teorias para embasar nossas análises antropológicas.

Dentre tantos aspectos que podemos constatar nas obras de Conceição Evaristo estão a questão da memória e ancestralidade dos povos diaspóricos e a persistência do racismo e de preconceitos, principalmente contra as mulheres negras, traduzidos em marcas e violências contra seus corpos. Portanto, as obras de Conceição Evaristo nos permitirão analisar a realidade da sociedade brasileira, buscando uma nova possibilidade de interpretação e de construção do conhecimento acadêmico, propondo um:

Afastamento das epistemologias hegemônicas: A memória, espelho da ancestralidade, em uma movimentação vinculante com a palavra falada, apresenta-se como uma movimentação da história que não cessa de mover-se tanto em direção ao passado quanto ao futuro com os pés orientados pelo presente. O mundo, a vida, e a existência são lidos pela ótica da ancestralidade [...] Assim se entende que a ancestralidade não é apenas uma relação que se estabelece com os ancestrais: é também, sobretudo, uma lógica de continuidade que confere sentido - desde o presente - ao passado, que dá formação à memória, permitindo projetar futuros (NASCIMENTO, 2012, p. 46, *apud* OLIVEIRA, 2021, p. 207).

Nesse sentido, torna-se pujante a sensação de que o nosso passado não terminou, não foi expurgado. Ele precisa ser revisitado, estudado, esmiuçado, compreendido e enterrado corretamente. Trabalhar esse passado é uma forma de afirmar a nossa identidade brasileira e

ancestral que se revelam nas vivências e experiências dos povos diaspóricos, principalmente, das mulheres negras que sofrem uma tripla discriminação: classe, gênero e raça. Diante disso, as obras de Conceição Evaristo trazem para o cenário da contemporaneidade o debate sobre o silenciamento e a invisibilidade da corporeidade negra, ao nos apresentar “um discurso decolonial em que a experiência do negro importa e a localização da raça, do gênero, da sexualidade e da classe é apreendida em uma estética de desobediência epistêmica.” (OLIVEIRA, 2021, p.199). Como falou Ana Rita Santiago da Silva: “A escritora negra se inscreve no corpus literário brasileiro em ato de autorrepresentação para apresentar a subjetividade da mulher negra na sociedade brasileira” (OLIVEIRA, 2021, p. 150). Portanto, “a literatura afro-feminina, nessa perspectiva, é uma produção de autoria de mulheres negras que se constituem de temas feminino-feministas comprometidas com estratégias políticas emancipatórias e de alteridades” (OLIVEIRA, 2021, p. 150).

Para melhor compreensão do trabalho, a primeira parte estará dividida obedecendo a seguinte sequência: Uma menina-mulher no contexto diaspóricos brasileiro, obras e metodologia do trabalho científico de Conceição Evaristo e metodologia do trabalho científico acadêmico, seus objetivos e a questão norteadora do trabalho.

No segundo item, far-se-á uma análise do romance “Ponciá Vicêncio” que descreve a trajetória de vida de uma mulher negra e pobre morando no interior e que estando cansada de uma vida de exploração toma a decisão de migrar para a cidade grande na esperança de encontrar melhor qualidade de vida para si e para os seus que ficaram na vila Vicêncio. Tendo, a Vila, esse nome porque, como tudo o mais que havia no lugar, pertencia à família do escravocrata Coronel Vicêncio. Embora o enredo ocorra posterior ao período da escravização, Ponciá faz uma retrospectiva das vivências de seus antepassados, culminando com a história de sua vida, na atualidade.

Enfocando mais a realidade dos povos diaspóricos da atualidade, no terceiro item, far-se-á a análise do livro de contos “Olhos D’Água” o qual é composto de uma coletânea de quinze (15) contos, sendo que o primeiro é o que dá título ao livro. Os contos apresentam uma multiplicidade de memórias e vivências revelando situações de exclusão, consequências da colonialidade, da escravização e do racismo, que reverberam em preconceitos, discriminação racial e violências impingidas aos povos diaspóricos no contexto de nossa sociedade, principalmente, contra os corpos das mulheres negras.

Nas considerações finais, reforçaremos as ideias relacionadas nos itens propostos, demonstrando a necessidade de se produzir monografias sob o aparato metodológico da Escrivência, bem como, favorecer uma profunda reflexão sobre as condições de vida que

são impostas aos povos diaspóricos desse país.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é fazer uma leitura antropológica de duas obras literárias de Conceição Evaristo. A primeira constitui-se em um romance, “Ponciá Vicêncio” (2003) e o livro de contos “Olhos D’Água” (2014). Tendo como ponto de análise central a relação de poder entre: O “Eu” branca/o e a “Outra/o” a negra/o, no processo das vivências de construção da sociedade brasileira. E para uma análise mais específica, são propostos os seguintes pontos:

- a) Demonstrar a viabilidade de elaborar análises sobre as vivências das/os personagens do romance e dos contos de Conceição Evaristo;
- b) Revelar as várias formas de manifestação e persistência do racismo nas/os personagens do romance e contos de Conceição Evaristo;
- c) Enfatizar a importância da literatura-ficção-Escrevivência, como embasamento teórico- metodológico para a produção do conhecimento científico acadêmico, não só na literatura, mas também nas demais ciências sociais de um modo geral, inclusive na Antropologia, propondo uma descolonização na produção do saber.

De acordo com os objetivos elencados, levantamos o seguinte questionamento que guiará este trabalho: *como a literatura-ficção-escrevivência de Conceição Evaristo pode reverberar em campo de pesquisa para estudos e análises antropológicas das vivências dos povos afrodiaspóricos, com ênfase no resgate da memória e ancestralidade, bem como, sobre as violências impostas aos corpos negros, especialmente, os corpos femininos no decorrer do processo de formação da sociedade brasileira?*

Apresento ao longo do trabalho o pensamento de várias/os teóricas/os que corroboram o pensamento Evaristiano, no sentido de produzir uma literatura e uma nova episteme que se proponha em reescrever as vivências dos diaspóricos, tentando suprir as ausências desses, não só na literatura, mas também nas demais produções intelectuais das ciências sociais.

2 BREVE HISTÓRIA DE CONCEIÇÃO EVARISTO E A METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO

2.1 Uma menina-mulher no contexto diaspóricos brasileiro

Quem é essa mulher que até aos 70 anos de idade era invisibilizada em sua produção literária? Ela não gosta que a tenham como um exemplo de superação, pois se considera a exceção da regra. Ideia compartilhada por mim, sem, no entanto, inviabilizar o reconhecimento de seu talento, de sua luta e de sua resiliência, tendo em vista, ser ela a única, dentre os nove irmãos/ãos; assim como também, dentre suas/eus poucos colegas de aula negras/os, do ensino primário, a chegar à faculdade.

A autora, em entrevista sobre sua vida e obra, respondeu “sim” quando inquerida se a vida começa aos setenta (70), pelo menos no que diz respeito à sua visibilidade literária. Mas bem antes que isso, suas experiências e vivências retratam uma história de luta e resistência que falam por si. E tal como “o sujeito da literatura negra tem a sua existência marcada por sua relação e por sua cumplicidade com os sujeitos. Temos um sujeito que, ao falar de si, fala dos outros e, ao falar dos outros, fala de si” (SOARES; SANDRINE, 2019, p. 206).

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nasceu em uma fazenda da zona sul de Belo Horizonte, junto a mais oito (08) outras/os irmãos/os, onde foram criados pela mãe dona Joana Josefina Evaristo, na favela “Pendura Saia”, na periferia da cidade. Sua mãe era lavadeira, por isso desde os oito (08) anos de idade teve de conciliar os estudos com o trabalho de empregada doméstica até os vinte e cinco (25) anos, quando concluiu o Curso Normal no ano de 1971. Como acalentava o sonho de ser professora, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em concurso público para o magistério e, concomitante a isso, foi selecionada para cursar faculdade de Letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ.

Na década de 1980, casou-se e teve uma filha, Ainá, a sua especial menina. Estabeleceu contato com o grupo Quilombhoje, iniciando, assim, sua vida de militante no movimento negro, posicionando-se na defesa da história e cultura negra. Foi dentro dessa militância que, na década de 1990, publicou suas primeiras produções literárias na série Cadernos Negros nº13, estreando com o poema “Mineiridade”. Formou-se Mestra pela PUC-Rio, e, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense-UFF. Suas obras, em especial o romance “Ponciá Vicêncio” (2003), aborda temas como a discriminação racial, de gênero e de classe. Essa obra foi traduzida para o inglês e publicada nos Estados Unidos em 2007. Também foi publicada em francês pela editora Anaconda em Paris e em espanhol pela Casa Ankili do

México. Porém para tornar-se pública, a autora realizou empréstimo bancário e publicou com financiamento próprio e incentivo da professora Maria José Somelarte Barbosa. Tornou-se um sucesso de público e da crítica nacional e internacional.

Hoje, o nome e as obras de Conceição Evaristo ampliaram-se e são reconhecidas no Brasil e no mundo e, muito mais que suas obras, a mesma construiu uma nova metodologia de produção e construção do conhecimento científico baseado na inclusão, não só das histórias e culturas afro diaspóricas, mas também na inclusão de tantas/es/os outras/es/os excluídos desse país: negras/os, índias/os, pobres, LGBTQIA+. Inclui vidas e vivências que transmutadas em ficções são reveladas de maneira potente, exigindo o seu lugar de fala não só na literatura, mas nas demais ciências sociais, inclusive na antropologia. Essa proposta teórico-metodológica vem se solidificando e constituindo-se em uma nova perspectiva para a construção do conhecimento científico acadêmico, denominada de: Escrivivência, ou seja, “a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. [...] tendo o corpo como o princípio da poética” (OLIVEIRA, 2021, p. 192), especialmente o corpo diaspóricos preto/a em sua trajetória e construção histórica atemporal.

2.2 Métodos e obras de Conceição Evaristo

Foi sob essa ferramenta metodológica que Conceição Evaristo construiu um acervo literário considerável. Além do romance “Ponciá Vicêncio” e outras poesias não publicadas, a autora produziu muitas outras: Seu primeiro romance, “Becos da Memória” foi produzido bem antes de “Ponciá Vicêncio” (2003), porém por falta de logística e reconhecimento de seu trabalho, ficou guardado por vinte anos, ou como disse a própria autora na introdução da obra “Ponciá Vicêncio”:

Para algumas mulheres o ato de escrever está imbuído de um sentido político, se comparado à produção masculina. Para outras o sentido é redobrado. É acrescido do ato político de publicar [...] Não só a condição de gênero interfere nas oportunidades de publicação e na invisibilidade de autoria dessas mulheres, mas também a condição étnica e racial (EVARISTO, 2017).

Foram publicados: “Ponciá Vicêncio” (2003), “Becos da Memória” (2006), “Poemas da Recordação e Outros Movimentos” (2008), “Insubmissas Lágrimas de Mulheres” (2011), “Olhos D’Água” (2014), “Histórias de Leves Enganos e Parecenças” (2015) e “Canção Para Ninar Menino Grande” (2018). É autora de vários poemas que vem sendo publicados, desde 1990, nos Cadernos Negros, tais como: “Mineiridade”, “Eu mulher”, “Os Sonhos”, “Vozes

Mulheres”, “Fluída Lembrança” e “Negro-Estrela”.

As publicações continuaram com participações em várias outras edições dos “Cadernos Negros” e em outras antologias produzidas no Brasil, na Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Além de todas essas publicações, após o ano de 2015, com a premiação do livro de contos “Olhos D’Água”, ficando em terceiro lugar do “Prêmio Jabuti” na categoria de Contos e Crônicas; seu nome foi projetado no cenário nacional e internacional. Conquistou espaços em feiras literárias, como a FLIP (Festa Literária de Paraty-2017); foi tema na exposição Ocupação Conceição Evaristo, realizado pelo Itaú Cultural de São Paulo; recebeu menções em questões de vestibulares e homenagem no Exame Nacional de Ensino Médio (edição 2018). Para além disso:

Foi notícia em muitas mídias em 2018, quando desafiou a Academia Brasileira de Letras – ABL, ao se inscrever para concorrer à vaga para substituir Nelson Pereira dos Santos. Ela seria a primeira escritora negra a entrar para a ABL, no entanto, foi preterida mesmo com grande campanha popular nas redes sociais. O jornal on-line The Intercept (2018, p.9), usando as palavras da autora, anuncia que esse boicote já era esperado por Conceição Evaristo: “a ABL não está fora da dinâmica social de relações sociais e raciais do nosso país”. Na verdade, essa formação da academia é uma formação de quase todas as instituições brasileiras. “A falta de representatividade se dá em todo lugar”. A inscrição no concurso não restringia -se ao mero interesse de estar na academia, mas com o intuito de criticar a ausência de escritores e escritoras negras na ABL, além de marcar uma postura de resistência para que outros negros possam se inscrever na seleção e se verem nesse espaço que foi criado por um escritor negro, Machado de Assis (OLIVEIRA, 2021, p.14 - 15).

Também em sua trajetória registramos que, recebeu o “Prêmio de Literatura do governo de Minas Gerais, pelo conjunto de sua obra (2018); foi a Personalidade Literária do “Prêmio Jabuti” (2019)”. Atualmente, participa de vários eventos e feiras literárias no Brasil e em outros países do mundo.

Por tudo isso, as vivências e produções literárias de Conceição Evaristo, nos inspiram como ferramenta metodológica, pois suas obras são permeadas pela inclusão, combatem o racismo através da resiliência e resistências vivenciadas por suas personagens. E, ao mesmo tempo, são impregnadas por emoções e afetos. Acredita-se que esse discurso ficcional poderá suprir esse vazio historiográfico da corporeidade negra nas ciências sociais, trazendo à cena para o debate contemporâneo, não somente o tema da diáspora africana, bem como, tensiona e questiona o paradigma eurocêntrico que norteia a produção do conhecimento em nossas universidades, que privilegiam o uno em detrimento dos múltiplos saberes ou privilegiam os teóricos europeus ou norte-americanos, brancos em detrimento dos afro-ameríndios, especialmente em relação à produção feminina.

Nesse sentido, a Escrivivência, chega em boa hora e nos proporciona novas perspectivas para revelar os sistemas de poder e suas influências, assim como também,

questionar os parâmetros das ciências sociais, pois essas “não podem mais continuar negligenciando a pluralidade “das gentes” desse país” (SANTOS, 2021). Ou seja, produzir trabalhos científicos, sob os parâmetros da Escrivência, otimizará espaços para a construção do conhecimento mais holístico, se apresentando dentro de uma perspectiva decolonial, uma vez que essa não pretende ‘assumir o lugar do ‘adversário’, de outras possibilidades de teorização. Nesse sentido:

Ao contrário, a proposta decolonial quer mostrar que o adversário é sempre uma opção, não a opção [...] A estética decolonial não pretende construir um discurso alternativo, mas uma alternativa ao discurso e às práticas de modernidade/colonialidade (GOMES, 2012, p.22, *apud* OLIVEIRA, 2021. p.191-193).

Portanto, a Escrivência, de Conceição Evaristo, sob a forma de literatura afro-brasileira, pode sim ser esta opção para uma análise antropológica de nossa sociedade e também uma ferramenta teórica metodológica, para a produção do conhecimento acadêmico científico.

2.3 Escrivência como metodologia acadêmica

Quando, no ano de 2019, a professora Carla Ramos nos apresentou Conceição Evaristo e sua Escrivência, fiquei empolgada, mas ao mesmo tempo, pensativa com essa nova possibilidade de construção do conhecimento científico acadêmico. Tudo era novo pra mim que até então estudava teóricos como Frazer, Malinowski, Franz Boas, Ruth Benedict, Margaret Mead, Lévi-Strauss, Clifford Geertz, Émile Durkheim, Jeanne Favret-Saada, dentre outras/os que possuem uma construção científica referendando a cultura europeia como parâmetro para suas análises sobre os demais humanos do mundo.

Eu me perguntava: como é possível analisar todos os povos seguindo um conceito único de percepção de mundo? Diante de tantas dúvidas e reflexões resolvi encarar esse desafio. Mas as dúvidas persistiram: Quem sou eu? Eu sou o eu, ou sou o outro/a? Quem é o sujeito e o objeto dessa pesquisa? O sujeito está lá ou está cá? Onde estão os “meus nativos”? Como farei minhas observações e entrevistas? Eu sou sujeito ou objeto? A princípio fiquei bastante temerosa diante do desafio de produzir um trabalho etnográfico sob uma teoria metodológica diferenciada daquela que debatemos ao longo do curso, mas, junto a esse sentimento, também vislumbrei a possibilidade de produzir trabalhos que nos permitisse nos enxergar nos espelhos de Oxum e de Iemanjá. Era a possibilidade de “vestir uma roupa confortável”, e não uma “roupa apertada”, que é adequar nossas vidas às teorias eurocêntricas. Por isso, hoje compreendo que essas histórias

ficcionalizadas são o nosso campo de pesquisa e que a relação sujeito-objeto perde o sentido, pois somos os dois ao mesmo tempo. Sinto-me representada em vários contos de Conceição Evaristo e vejo e ouço vozes periféricas e subalternizadas se manifestando nos contos e romances, produzidos sob o marco teórico da Escrivência. Como nos relata Oliveira (2021, p.233):

[...] sobre a emersão da subjetividade do pesquisador/a ou antropólogo/a [...] problematizar a antropologia como uma ciência construída a partir da especificidade da relação pesquisador/nativo do eu e do outro; uma ciência cujo ‘objeto’ investigado é similar ao próprio pesquisador, e interage com ele, pois ambos são da mesma natureza e estão imersos numa teia intersubjetiva [...] A subjetividade do/a antropólogo/a, retomada e considerada imprescindível pelas/os autoras/es pós-modernas/os, ajuda a elucidar questões relevantes do encontro entre diferentes culturas, como por exemplo: a importância de se pensar a relação sujeito/objeto a partir da ótica das relações de gênero e a construção de um olhar mais ampliado sobre as relações raciais e de classe.

Para, além disso, é possível reforçar a Escrivência como possível instrumento de análise antropológica ao visualizar a conceituação de “sujeito” e “objeto” na teoria de bell hooks descritas em Kilomba (2019, p.28):

[...] sujeitos são aqueles que têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades de nomear suas histórias. [...] Como ‘objetos’, no entanto, nossa realidade é definida por outros, e nossa ‘história’ designada somente de maneiras que definem (nossa) relação com aqueles que são sujeitos’. (hooks, 1989,p. 42). Essa passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como um ato político. Além disso, escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe à posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o, e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada.

Diante disso, Oliveira (2021, p.234) reforça:

É importante destacar que a subjetividade não está presente só no campo. O campo é uma dimensão do diálogo etnográfico e não existe em si mesmo, mas numa constante relação com o mundo acadêmico. Essas duas dimensões não podem ser pensadas separadamente. Nesse sentido a subjetividade do/a pesquisador/a não deve ser vista como algo construída à parte, mas como um componente da complexa relação entre a dimensão política, a acadêmica e o trabalho de campo.

A autora ainda corrobora dizendo que o que está em questão é “a imagem de um movimento conceitual, de um trânsito de pensamento, a saída de um pensamento excludente para um que inclui”. E também se utiliza de argumentos de Mignolo ao citar: “Trata-se de uma luta para deslocar do primeiro para o terceiro mundo o lócus de enunciação teórica, reivindicando a legitimidade da ‘localização filosófica’ [...]” (MIGNOLO, 2003 [2000] p.162, apud OLIVEIRA, 2021, p. 37). Oliveira (2021, p.37) complementa discorrendo que: “Esses deslocamentos se deram pelo uso da linguagem, pelo ponto de vista das narradoras, pela

composição das personagens, pela temática etc.”.

Parece-nos que isso se torna bastante evidente na fala da autora:

É interessante porque quando eu usei o termo Escrivivência. O professor Eduardo de Assis que é um estudioso de literatura afro-brasileira, disse que eu criei um conceito. Mas, se é um conceito, ele tem como imagem todo um processo histórico em que as africanas e suas descendentes escravizadas no Brasil passaram. Na verdade ele nasce do seguinte: Quando eu estou escrevendo, e quando outras mulheres negras estão escrevendo, me vem muito, na memória a função que as mulheres africanas, tinham dentro das casas grandes, escravizadas. A função que essas mulheres tinham de contar histórias para adormecer os da casa grande. A prole era adormecida com as mãos pretas, contando histórias. Então, eram histórias para adormecer. E, quando eu digo que os nossos textos..., ele tenta borrar essa imagem. Nós não escrevemos para adormecer os da casa grande. Pelo contrário, é para acordá-los de seus sonos injustos. E, essa escrevivência, ela toma como mote de criação justamente a vivência. Ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo. Quer dizer, essa vivência das mulheres negras. Não só das mulheres negras, mas a vivência dos africanos e seus descendentes no Brasil. (EVARISTO, [Youtube], 2017).

Ela não premeditou e nem teve a preocupação ou presunção de criar um conceito científico, mas enfatiza que o importante é que, não somente ela, mas muitas outras mulheres negras estão falando não só sobre si mesmas, mas também sobre aquelas/es, que as/os antecederam, e as/os invisibilizadas/os da sociedade brasileira. Como mencionou Hooks: “Podemos praticar a teorização sem jamais conhecer, possuir o termo, assim como podemos viver e atuar na resistência feminista sem jamais usar a palavra feminismo” (Hooks, 2013 [1994], p. 86, apud Oliveira, 2021, p. 197).

Para aquelas/es que as acusem de produzir uma escrita egocêntrica, contesta com o seguinte:

Contar as vivências não como uma ego-escrita, reflexo de autoimagem, como no mito do espelho de Narciso. Que é o esgotamento do próprio ego. O espelho de Narciso não reflete o nosso rosto, e sim uma estética não negra. Não somos considerados belos. Temos que pensar a escrevivência nos mirando em dois espelhos, o de Oxum e o de Iemanjá. O espelho de Oxum, que reflete a nossa beleza, a nossa potência, a nossa subjetividade. Revela aquilo que somos capazes. E o espelho de Iemanjá que nos coloca em relação à nossa comunidade. Nos fortifica, e reflete a consciência do que somos. Descobrimos e revelando a nossa beleza e subjetividade. Eu enquanto autora não me desvencilho da minha subjetividade, de mulher negra. Temos que sair desses lugares comuns e propor nossas cosmologias, nossas organizações cosmogônicas, propor uma nova episteme. Que as vezes ficamos navegando em outros aparatos teóricos, que não dão conta dos nossos modos de estar no mundo, dos nossos modos de escrita, Não é uma escrita que se esgota em si mesma, mas envolve um coletivo .” (EVARISTO, [Youtube], 2017).

Então, nesse sentido, Kilomba (2019, p.28- 29) argumenta que:

Oposição e reinvenção tornam-se processos complementares, pois a oposição por si só não basta. Não se pode simplesmente se opor ao racismo, já que no espaço vazio, após alguém ter se oposto e resistido, “ainda há a necessidade de tornar-se-de fazer-

se (de) novo”. (hooks, 1990, p. 15). Em outras palavras, ainda há a necessidade de tornarmo-nos sujeitos.

E com esse sentimento e determinação de nos tornarmos sujeitos e pela compreensão de que as obras de Conceição Evaristo abarcam essas duas dimensões: oposição ao racismo e a proposta de criação de uma nova episteme, nos propomos a efetivar a análise sobre essas duas obras, por entendermos que elas nos revelam:

[...] uma visão de mundo própria e distinta da do branco, à superação da cópia de modelos europeus e à assimilação cultural como única via de expressão. Ao superar o discurso colonizador em seus matizes passados e presentes, a perspectiva afroidentificada configura-se enquanto discurso da diferença e atua como elo importante dessa cadeia discursiva (DUARTE, 2017, p.209, *apud* OLIVEIRA, 2021, p.149).

E nos reafirma a convicção de que somos, ao mesmo tempo, sujeito e objeto. Somos as/os subalternizadas/os, em relação as/os outras/os, as brancas/os. Assim não só a produção literária de Conceição Evaristo, nos desperta para lançarmos um novo olhar para e sobre o “outro” como também, sobre quem produz esse “outro”, sob novas categorias epistêmicas. Ademais, as obras de Conceição Evaristo:

Reivindicam a importância de outras mulheres negras contadoras de histórias, como Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus, Antonieta de Barros, Auta de Souza, Laura Santos, Ruth Guimarães, Mãe Beata de Yomonjá, Maria Helena Vargas, Francisca Souza da Silva, Lourdes Teodoro, Geni Guimarães, Aline França, Alzira Rufino, Cyana Leahy-Dios, Sonia Fátima da Conceição, Maria Alves, Leda Maria Martins, Heloisa Pires Lima, Lia Vieira, Esmeralda Ribeiro, Jussara Santos, Ana Cruz, Cidinha da Silva, Tatiana Nascimento e Cristiane Sobral, para ficar em alguns nomes. Todas simbolicamente presentes nessas escrituras. A visibilidade de uma é a de todas (OLIVEIRA, 2021, p. 231).

Dessa forma, demonstram que a escrita dessas intelectuais negras constitui um ato de insubordinação na invisibilidade de suas vivências como também contra as epistemologias da modernidade/colonialidade, na produção do conhecimento científico. Nesse viés:

Através de um debate sobre o conceito de epistemologia, ressalta que a produção científica não se resume a um simples estudo apolítico da verdade, mas é sim, a reprodução de relações de poder raciais e de gênero, pois as relações que giram em torno dessa produção definiram não somente o que se conta como verdadeiro, mas especialmente em quem acreditar. Nesse contexto, a colonialidade é entendida a partir de toda epistemologia que reflete os interesses políticos, específicos de uma sociedade branca, racista, colonial e patriarcal. (KILOMBA, 2016, *apud*, SOUZA, 2019, p.96).

Nesse contexto, a Escrivência das mulheres negras desmistifica a dupla condição

que a sociedade teima em querer imputar às mesmas: mulher e negra. Estabelecendo um contra ponto à história mal contada pelas linhas oficiais. Dessa forma, “a escrita das mulheres negras é entendida nas narrativas como um ato político, uma atitude estética de identidade em política”. (OLIVEIRA, 2021, p. 224). Para, além disso:

Um discurso que é tão político quanto pessoal e poético, como os escritos de Frantz Fanon ou os de bell hooks. Essa deveria ser a preocupação primordial da descolonização do conhecimento acadêmico, isto é, “lançar uma chance de produção do conhecimento emancipatório alternativo”, como Irmingard Staeuble (2007, p. 90) argumenta, a fim de transformar as configurações do conhecimento e do poder em prol das aberturas de novos espaços para a teorização e para a prática”. Como escritoras/es negras/os, estamos transformando configurações de conhecimento e poder à medida que nos movemos entre limites opressivos, entre a margem e o centro. Essa transformação é refletida em nossos discursos. Quando produzimos o conhecimento, argumenta bell hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor- a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção continuadas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mas dificilmente podemos “ficar”.(KILOMBA, 2019, p.59).

Assim, a autora Izabela Souza (2019) em sua tese de mestrado intitulada: “Sou entre elas. Na encruzilhada dos saberes: fronteiras, escrevivências e (re) existências de mulheres negras na cidade de Foz do Iguaçu” nas páginas 138 e 139 afirma:

[...] a antropóloga Angela Maria Souza (2018), lembra o quanto importante e significativo é o dizer da mulher negra. A autora recorda que muitas de nós tentaram falar, muitas falaram, muitas gritaram, mas muitas foram silenciadas. O ato de falar não garante a contrapartida do ser escutada. E é nesse contexto que reside à resistência do dizer da mulher negra [...] destaca que as resistências são exercitadas cotidianamente como meio de sobreviver. Nesse sentido, o escrever da mulher negra abre caminhos, tece narrativas cotidianas do (re) existir.

E, no ato contínuo de busca de sobrevivência, as mulheres negras emprestam suas vozes e narrativas fugindo do epistemicídio e do estado de WAKE em que se encontram, daí a necessidade de passar da oralidade para a grafia, ou seja, manifestar a escrita como um ato de insubordinação das/os subalternizadas/os do Brasil e de outras partes do mundo.

2.4 A Escrita Como Potência do Saber

Em todas as sociedades humanas a escrita sempre foi muito valorizada. Não é por acaso que os senhores escravocratas não permitiam que seus escravos frequentassem a escola. Muitos deles, inclusive, baseados nas teorias degenerativas sobre as raças, acreditavam que os

africanos eram incapazes de apreender. Mas, conscientemente eles sabiam que isso não correspondia à realidade e protelaram o máximo possível o acesso desses ao letramento. Embora a constituição de 1824, em seu artigo 179, garantisse a instrução primária e gratuita a ‘todos os cidadãos’, na reforma do ensino primário, no ano de 1834, foi criada a lei que “proibia a frequência à escola daqueles que sofressem de moléstias contagiosas, dos escravos e dos pretos africanos, ainda que livres e libertos” (SANCHES, 2016, p. 236. *Apud* SOUZA, 2019, p. 64).

É importante destacar que os africanos foram igualados aos que sofriam de algum tipo de moléstia para justificar a negativa do acesso à escolaridade. Portanto, além de destituídos do status de cidadãos, ainda foram incluídos dentre os que eram acometidos por alguma moléstia contagiosa. Foi, somente no ano de 1879, com a Reforma Leôncio de Carvalho que foi proposto o fim da proibição da matrícula para as/os escravizadas/os, vigorando por pouco tempo. Sendo, somente na constituição republicana de 1891, assegurada a instrução aos africanos e seus descendentes.

Eles sempre souberam da importância da escrita. Tanto no passado, quanto na atualidade, todas/os compreendem. Assim quando Conceição Evaristo e outras mulheres negras estão produzindo escritas, elas estão conscientes do que estão produzindo, de que local estão produzindo e a quem direciona-se as suas mensagens. Suas escritas “possuem em comum a missão política de inventar outro futuro para si e para o seu coletivo, o que lhes imbuí de uma espécie de dever de memória e dever de escrita” (OLIVEIRA, 2009, p. 623). Para cada uma/um dessas/es, a escrita possui significados que parecem diferenciados, mas conduzem a um mesmo objetivo:

Para Kilomba (2019 p.27-28):

[...] escrever, (é) quase uma obrigação moral, incorpora a crença de que a história pode “ser interrompida, apropriada e transformada através da prática artística e literária” (hooks, 1990, p. 152) [...] escrever é recuperar nossa história escondida [...] Escrever, portanto, emerge como um ato político.

A autora ainda corrobora a visão de outro teórico, neste sentido:

Hall, Stuart, por exemplo, diz que quando ele escreve, escreve contra. Escrever contra significa falar contra o silêncio e a marginalidade criados pelo racismo. Essa é uma metáfora que ilustra a luta das pessoas colonizadas para acessar a representação dentro de regimes brancos dominantes (KILOMBA, 2019, p.69).

Para além disso, Oliveira (2021, p. 10), acrescenta:

[...] diz Gloria Anzaldúa: [...] “Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você” (2000 [1981], p.234) [...] escrever é um ato de confronto e resistência perante o silêncio perpetrado às mulheres: escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência [...] Assim, o ato de escrever é o de se fazer existir e o de suprir ausências, trazer as vozes silenciadas. Nessa direção, a autora apresenta o fazer literário das mulheres como resultado de suas experiências: “não é no papel que você cria, mas no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos - chamo isto de escrita orgânica”.

Ademais, conforme Kilomba (2016) que cita hooks, a qual defende que escrever é um ato de descolonização. Assim, Conceição Evaristo, que faz questão de destacar que sua produção literária é alicerçada na oralidade, uma vez que não nasceu rodeada de livros, mas sim de palavras, reconhece que:

Escrever é tudo, escrever é vida. O exercício da literatura é a minha maneira de não adoecer. Sair de mim mesma, conhecer o mundo. É a possibilidade de fundamentar um diálogo. Escrever é uma forma de sangrar. E a vida é uma sangreira danada... O que me sensibiliza é o encantamento pelas palavras. (EVARISTO, [Youtube], 2017).

Esse encantamento pela palavra reflete-se em toda obra da autora:

Desse modo, quando o poeta, o ativista ou apenas o leitor dessas literaturas se reconhece nas letras, a ideia de romance na perspectiva de Carlos Fuentes se torna mais clara, a arte que questiona a própria arte, a arte que só critica o mundo porque antes criticou seu próprio modo de ser: o romance é ao mesmo tempo, arte do questionamento e questionamento da arte (OLIVEIRA, 2021, p.150).

Assim, a autora ao produzir o romance Ponciá Vicêncio, e as demais obras faz a “crítica aos romances hegemônicos ao apresentar formas inovadoras de criticar o mundo” (OLIVEIRA, 2021, p. 156). Com tal intuito, faz a crítica ao racismo, ao machismo, ao sexismo e ao academicismo eurocêntrico. Nesse sentido Conceição Evaristo nos apresenta as suas escrituras.

3 ANÁLISE DO ROMANCE “PONCIÁ VICÊNCIO” SOB O MÉTODO DA ESCRIVIVÊNCIA

3.1 Ponciá Vicêncio: Memória e Ancestralidade: Um Romance de vísceras: dores, odores, sabores e saberes

Logo no prólogo do romance, Conceição Evaristo revela seus sentimentos e afinidades, relatando que: “[...] gostava de meus parentes: personagens criados por mim [...] Considero Ponciá Vicêncio, parente de primeiro grau. Não foi amor à primeira vista, foi um processo doloroso de criação que enfrentei para contar a história de Ponciá.” (EVARISTO, 2017).

Quando alguém comenta com a autora que engasgou com o choro no ato da leitura, ela responde: “O engasgo é nosso” afirma que o choro da personagem muitas vezes se confundiu com o seu no ato da escrita, que possui uma afinidade tão grande com a personagem, que algumas/uns, misturam seus nomes e na “(con) fusão” pedem autógrafos, e a mesma os concede, sem desfazer a confusão.

O romance “Ponciá Vicêncio” conta a história de uma moça que saiu de trem de uma comunidade do interior em busca de uma vida melhor para si e para os seus. Porém, ao chegar à cidade se depara com uma realidade bem diferente daquela que ela havia imaginado. Descobre que assim como no interior, a vida de exploração e de exclusão se repete. É a patroa que explora sua força de trabalho. Seu companheiro também é explorado em trabalhos subalternizados. Muitas vezes ele a submete a violências físicas e psicológicas. Volta ao interior, mas já não encontra os seus.

Dessa forma, retorna à cidade, torna-se mais triste e solitária que antes, mas não perde a esperança de reencontrá-los. Assim, durante todo o desenrolar do romance, os três membros dessa família, Ponciá, Luandi - seu irmão - e Maria Vicêncio - sua mãe - estão em busca um do outro. Na busca de familiares e de suas raízes, esses encontros e desencontros são permeados pelas memórias, histórias de suas ancestralidades e das vivências e experiências contemporâneas.

Sendo a escrita um atributo da memória, Conceição Evaristo inicia o romance de “Ponciá Vicêncio” revelando um misto de mitos, lendas e tradição oral das/os africanas/os, trazidos consigo na travessia do Atlântico os quais foram sendo ressignificados e repassados aos descendentes:

Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu, sentiu um calafrio: menina que passava por debaixo virava menino [...] juntava, então, as saias entre as pernas tampando o sexo

e, num pulo, com o coração aos saltos, passava por debaixo do angorô [...] Conseguira enganar o arco e não virara menino. [...] No mesmo sentido, revela a visão que Ponciá tinha quando ia ao milharal: ‘viu uma mulher alta, transparente e vazia, que um dia sorria pra ela entre as espigas de milho (EVARISTO, 2017, p.13- 14).

Esses relatos revelam a pluralidade das relações espirituais que as/os diaspóricas/os estabeleciam com as divindades, quase todas manifestadas nos elementos da natureza. Assim, segundo a tradição africana o angorô é a morada de Oxumarê. Isso nos revela que para além de sua corporeidade para sustentar e manter a estrutura econômica, através da escravização na colonialidade brasileira e, apesar do silenciamento de muitas de suas memórias, os colonizadores não conseguiram de todo extinguir suas culturas no que diz respeito ao relacionamento com o divino. Essas tradições religiosas e culturais foram transplantadas para o novo mundo, ganhando novas formas de se ressignificar e de se manifestar através de mitos e lendas no solo brasileiro, destacando a riqueza cosmológica desses povos africanos.

Embora, na vida adulta, Ponciá tenha manifestado o desejo de ter virado um menino, pois, a princípio pensava que a vida dos homens era menos sofrida do que a das mulheres, ela, intrigada, se perguntava: Quem sofria mais, homens ou mulheres? Sua experiência constatava que a vida dos homens que ela conheceu e conviveu eram muito difíceis também. Ela relembra que o avô fora escravo:

Vô Vicêncio era muito velho. [...] Ela era menina de colo ainda, quando ele morreu, mas, se lembrava nitidamente de um detalhe. Vô Vicêncio faltava uma das mãos e vivia escondendo o braço mutilado para trás. Ele chorava e ria muito. Chorava feito criança. Falava sozinho também [...] Um dia Ele teve uma crise de choro e riso tão profunda, tão feliz, tão amarga e desse jeito adentrou-se no outro mundo. Ela menina de colo, viu e sentiu o odor das velas acesas durante toda a noite [...] Sentiu o cheiro de biscoito frito, de café fresco dado para as mulheres e as crianças que estavam fazendo quarto ao defunto. Sentiu também o cheiro de pinga que exalava da garrafinha e da boca dos homens sentados lá fora com o chapéu no colo [...] Nunca esqueceu que, naquela noite, ela que pouco via o pai, pois ele trabalhava lá nas terras dos brancos, escutou quando ele disse para a mãe que Vô Vicêncio deixava uma herança para a menina (EVARISTO, 2017, p. 15).

A suposta herança que Vô Vicêncio teria deixado para Ponciá é citada em vários momentos, porém, a autora não afirma em que consiste tal herança. Deixa para interpretação das/os leitoras/es. Em alguns momentos, entende-se que se trata da herança identitária com o avô, já em outros, pensa-se tratar de herança espiritual das/os antepassadas/os, uma vez que, Ponciá, apresentava algumas características desses dons configurados nas seguintes situações: chorou na barriga da mãe, tinha visões sobrenaturais, trabalhava com o barro, tinha uma ligação muito forte com o rio, o que segundo a cosmologia bantu é a morada dos espíritos.

Mas, em nossa interpretação, a herança deixada pelo avô trata-se dos vazios e ausências

que a acometem vez por outra, ou seja, a loucura. Loucura, que, assim como a do avô, serve como válvula de escape diante de tanto sofrimento, pelos quais eles passam. E, apesar do romance acontecer bem depois da escravização, nele são revelados vários eventos de seus ancestrais. Seu avô se automutilou após assassinar sua mulher durante um surto de loucura causado pelas maldades e maus tratos de seu senhor. Ele desejou morrer do que continuar sob o jugo da escravização. Ficou com o braço cotoco:

Quiseram vendê-lo. Mas quem compraria um escravo louco e com um braço cotó? Tornou-se um estorvo para os senhores. Alimentava-se das sobras. Catava o resto dos cães, quando não era assistido por nenhum dos seus. Viveu ainda muitos e muitos anos... (EVARISTO, 2017, p. 45).

Além da exploração da força de trabalho das/os africanas/os, as/os senhoras/es impingiam muitos outros sofrimentos aos corpos dos povos diaspóricos, e isso refletia-se não só em fugas, como também em suicídios, depressão e até em loucuras passageiras ou permanentes, como a do avô e a da própria Ponciá. Para além do período da escravização, essas atitudes persistiam:

Ponciá se lembrava pouco do pai. O homem não parava em casa. Vivia constantemente no trabalho da roça, nas terras dos brancos. Nem tempo para ficar com a mulher e filhos o homem tinha. Quando não era tempo de semear, era tempo de colheita, e ele passava o tempo todo lá na fazenda. (EVARISTO, 2017, p. 16).

No trecho acima, a autora revela um período pós-escravização, no entanto, esse corpo diaspóricos continuava servindo aos seus antigos senhores. Como podemos observar isso ocorreu:

[...] ao longo da história da formação do povo brasileiro, o negro continuou a ser reconhecido por códigos que definem e justificam a sua presença em tarefas mal remuneradas que o impedem de alcançar uma real integração à sociedade a que pertence. A cor da pele, mesmo quando esmaecida pelo mito da harmonia racial, é sempre recorrência a um sistema de relações em que ser negro continua a ser significado por formas de despersonalização construídas pelo ideário escravocrata. (Fonseca, 2006, p. 96 - 97).

Ainda falando do pai, a personagem Ponciá diz que ele:

Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço [...] Um dia o coronelzinho, que já sabia ler, ficou curioso para ver se o negro aprendia os sinais, as letras de branco, e começou a ensinar o pai de Ponciá [...] Quando sinhô-moço certificou-se de que o negro aprendia, parou a brincadeira. Negro aprendia sim! Mas o que o negro ia fazer com o saber do branco? (EVARISTO, 2017, p.17-18).

Como se pode constatar “essa é uma velha estratégia dos racistas para perpetuar a opressão, uma vez que negam o direito de apreender para depois acusá-los de que não são capazes, de que o lugar do negro é o da não razão” (OLIVEIRA, 2021, p. 215). Isso se torna perceptível no trecho a seguir:

Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. Naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres por que continuavam ali? Por que então, tantos e tantas negras na senzala? (EVARISTO, 2017, p. 17).

Esta passagem do texto é muito significativa, pois nos revela muitas nuances da falsa libertação, pois que, os africanos e seus descendentes continuavam levando uma vida de explorações e de humilhações. Mostra a permanência da escravidão, sob outros moldes. Evidenciando que a posse da terra, era um dos fatores determinantes para a permanência dos mesmos nas propriedades de seus ‘ex-senhores’, pois, bem antes da assinatura da Lei Áurea, eles, os senhores escravocratas, aprovaram a Lei de Terras, em 1850, que dentre outras coisas determinava que só teriam acesso às mesmas quem as comprasse. Como escravos iriam comprar se eram despossuídos de tudo?

Ainda denotando a importância da propriedade da terra e revelando a espoliação de seus ancestrais, ela relembra que:

Tempos e tempos atrás, quando os negros ganharam aquelas terras, pensavam que estivessem ganhando a verdadeira alforria. Engano. Alegavam ser presente de libertação. Com a condição que continuassem a trabalhar nas terras do coronel Vicêncio. Para alguns ele parecia um pai, um senhor Deus. O tempo passava e ali estavam os antigos escravos, agora libertos pela “Lei Áurea”, que os seus filhos nascidos do “Ventre Livre” e os seus netos que nunca seriam escravos. Sonhando todos sob o efeito de uma liberdade assinada por uma princesa, fada-madrinha, que do antigo chicote fez uma varinha de condão. Todos, ainda, sob o jugo de um poder, que, como Deus, se fazia eterno. Ponciá Vicêncio teve a impressão de que havia ali um pulso de ferro a segurar o tempo. Uma soberana mão que eternizava uma condição antiga. (EVARISTO, 2017, p. 42).

Na memória ancestral de Ponciá também estava registrado que:

Desde pequena, ouvia dizer, também, que as terras que o primeiro coronel Vicêncio tinha dado para os negros, como presente de libertação, eram muito mais, e que pouco a pouco elas estavam sendo tomadas novamente pelos descendentes dele. Alguns negros, quando o coronel lhes doou as terras, pediram-lhe que escrevesse o presente no papel e assinasse. Isto foi feito para uns. Estes exibiram aqueles papéis por algum

tempo, até que um dia, o próprio doador se ofereceu para guardar a assinatura-doação. Ele dizia que, na casa dos negros, o papel poderia rasgar, sumir, não sei mais o quê. Os negros entregaram, alguns desconfiados, outros não. O coronel guardou os papéis e nunca mais a doação assinada voltou às mãos dos negros. Enquanto isso, as terras voltavam às mãos dos brancos. Brancos que se fizeram donos, desde os passados tempos. A família de Ponciá recebeu um papelzinho daqueles. O Coronel chamou Vô Vicêncio, que já chorava e ria. O homem levou o papel à boca prendendo entre os dentes a bondade escrita do Coronel (EVARISTO, 2017, p. 53- 54).

Além do domínio dos ex-escravos através da propriedade da terra, existem outras marcas que permanecem até a atualidade sobre os afrodescendentes: Em seus corpos grafaram- se nomes que destoavam das de seus ancestrais africanos. Assim, Ponciá:

Quando mais nova, sonhara até outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir para a beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava seu próprio nome. Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí; nenhum lhe pertencia também. Ela, inominada, tremendo de medo, temia a brincadeira, mas insistia. A cabeça rodava no vazio, ela vazia se sentia sem nome. Sentia-se ninguém. Tinha então vontade de choros e risos (EVARISTO, 2017, p.18).

Seu nome e de sua família, também era herança da escravização, fora dado pelo escravocrata Coronel Vicêncio, fato esse vivenciado por todos os diaspóricos, pois no ato do desembarque dos navios negreiros, eram submetidos ao batismo cristão. Este ato:

Longe de propiciar a integração dos africanos na nova ordem que se forma com seu trabalho, o batismo legitimava, na lei de Deus, um tipo de propriedade bem pessoal que podia ser alugada, leiloada, penhorada e hipotecada. O sacramento cristão transformava os escravos num bem não diferenciado dos animais utilizados no trabalho de carga. (FONSECA, 2006, p.96).

Para, além disso, nos revelam o desejo de se autoneomiar com nomes africanos. E o incomodo e o desprazer de tantas/os brasileiras/os que ainda hoje carregam essa herança da colonização, da dominação, da humilhação e do poder, das/os brancas/os sobre os negros. “O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens” (EVARISTO, 2017, p. 27).

Essa passagem denuncia a permanência e resquícios da escravização e desmistifica que a escravização e o colonialismo são eventos do passado, na realidade, estão intimamente ligados ao presente. Neste sentido, Kilomba (2019, p. 223-224) refere:

Em *Ghosts of Slavery*, Jenny Sharpe (2003) enfatiza a relação entre o passado e o presente, um presente assombrado pelo passado invasivo da escravização. Ela se refere à escravização como uma “história assombrada” que continua a perturbar a

vida atual das pessoas negras. Seu objetivo, diz ela, é ressuscitar a vida das/os ancestrais, elevando a memória dolorosa da escravização e contando-a corretamente. Esta é uma associação fascinante: nossa história nos assombra porque foi enterrada indevidamente. Escrever é, nesse sentido, uma maneira de ressuscitar uma experiência coletiva traumática e enterrá-la adequadamente. A ideia de um enterro impróprio é idêntica à ideia de um episódio traumático que não pôde ser descarregado adequadamente e, portanto, hoje ainda existe vívida e intrusivamente em nossas mentes.

Assim, “atemporalidade, por um lado, descreve como o presente coexiste com o passado. O racismo cotidiano nos coloca de volta em cenas de um passado colonial – colonizando-nos novamente” (KILOMBA, 2019, p. 223-224).

Esse posicionamento, também, pode ser evidenciado no seguinte trecho:

Ponciá “crescera na pobreza. Os pais, os avós, os bisavós sempre trabalhando nas terras dos senhores. A cana, o café, toda a lavoura, o gado, as terras, tudo tinha dono, os brancos. Os negros eram donos da miséria, da fome, do sofrimento, da revolta suicida. Alguns saíam da roça, fugiam para a cidade, com a vida a se fartar de miséria, e com o coração a sobrar de esperança” (EVARISTO, 2017, p.70).

Tomada pelo desânimo, mas acalentando nova esperança, após a morte do pai, Ponciá viajou para a cidade grande em busca de uma vida mais favorável para si e de seus familiares, prometendo à mãe que voltaria para buscar a ela e ao irmão Luandi. Mas, quando chegou à cidade, deparou-se com uma realidade bem diferente daquela que havia sonhado:

A primeira noite de Ponciá Vicêncio na cidade acabou sendo ali mesmo na porta da igreja. Viu o sacristão fechar a porta. O moço também a viu abraçada à trouxa de seus poucos pertences. Quis pedir alguma informação, perguntar pelo padre e pedir a caridade de algum alimento e de um gole d’água, mas não teve coragem [...] Sentia frio e medo [...] Aos poucos foi chegando companhia. Mendigos, crianças, mulheres e homens. Vinham alegres, risonhos apesar do desconforto e do frio [...] Lembrou dos santos que estavam lá dentro, das velas e dos castiçais, dos vitrais coloridos, dos bancos largos e lustrosos de madeira. (EVARISTO, 2017, p. 35).

Esta narrativa nos remete a constatar a indiferença da igreja diante das exclusões sociais. Enquanto os santos estão bem acomodados no conforto da igreja, muitas pessoas estavam dormindo ao relento:

A noite passou lenta e friorenta. Ponciá escutou todas as badaladas do sino da igreja e assustou-se com todas [...] acordou com o barulho de portas se abrindo. A casa de fé se abria para acolher os fiéis. Mulheres idosas. Ainda com ar sonolento, entravam rápidas, cada qual parecendo querer ser a primeira a cumprimentar Deus. Os mendigos, que à noite haviam se estendido pelas escadarias, se acolhiam ou se levantavam para dar passagem aos fiéis, que chegavam contritos, para assistirem à primeira missa do dia [...] Os velhos se encostavam por ali mesmo e estendiam os chapéus ou as latinhas (de goiabada vazia) onde de vez em quando caíam algumas moedas. Condoída da sorte deles, Ponciá catou as suas últimas moedas e ofereceu a alguns. (EVARISTO, 2017, p. 35-37).

Percebe-se que enquanto as/os fiéis mostravam-se indiferentes diante do sofrimento alheio, Ponciá tira do pouco que tem e partilha com os irmãos na exclusão.

Com muita dificuldade, após várias tentativas, Ponciá conseguiu um trabalho de empregada doméstica. Passaram-se alguns anos, Luandi decide ir em busca da mesma. Porém não a encontra. Foi preso e acabou arranjando trabalho na delegacia. Mas não perdeu a esperança de encontrá-la. Ponciá após trabalhar muito, consegue juntar suas economias e compra um pequeno barraco e, retorna à Vila Vicêncio para buscar os seus, mas não os encontra mais. Tudo o que consegue é resgatar o homem de barro que deixara no baú e um enorme vazio e saudade que se apoderou da mesma, pois, segundo Nêngua Kainda, ainda não era tempo do reencontro.

Assim como Ponciá, Luandi também volta à Vila Vicêncio em busca da mãe e da irmã. Encheu-se de esperanças e, ao aproximar-se de sua casa, “sorriu pensando [...] A mãe devia estar ainda bastante forte, pois ainda labutava a terra [...]” (EVARISTO, 2017, p. 75) Relembrou um dos vários momentos de satisfação e alegria quando junto com o pai, retornavam para casa e então:

[...]cantou alto uma cantiga que aprendera com o pai, quando eles trabalhavam nas terras dos brancos. Era uma canção que os negros mais velhos ensinavam aos mais novos. Eles diziam ser uma cantiga de voltar, que os homens, lá na África, entoavam sempre, quando estavam regressando da pesca, da caça ou de algum lugar. O pai de Luandi, no dia em que queria agradar à mulher, costumava entoar aquela cantiga ao se aproximar de casa. Luandi não entendia as palavras do canto; sabia, porém, que era uma língua que alguns negros falavam ainda, principalmente os velhos. Era uma canção alegre. Luandi além de cantar, acompanhava o ritmo batendo com as palmas das mãos em um atabaque imaginário. Estava de regresso à terra. Voltava em casa. Chegava cantando, dançando a doce e vitoriosa cantiga de regressar. (EVARISTO, 2017, p. 75).

Como é perceptível, seu canto remonta às memórias das/os ancestrais. Momentos de afeto e ternura das vivências além do Atlântico que permaneciam em solos brasileiros. Revelando que, embora os senhores se esforçassem para transformar suas vidas em ambientes grotescos e desumanizados, elas/es sempre encontravam uma maneira de driblar as tristezas e vivenciavam prazeres e alegrias, junto aos seus.

Na cidade grande Ponciá casou-se, porém, dos sete filhos que gerou nenhum sobreviveu. Ela dizia que:

Foi bom os filhos terem morrido. Nascer, crescer, viver para quê? (...) assim se livraram de viver uma mesma vida. De que valera o sofrimento de todos aqueles que ficaram para trás? O que adiantara? A vida escrava continuava até os dias de hoje. Sim, ela era escrava também. Escrava de uma condição de vida que se repetia. Escrava do desespero, da falta de esperança, da impossibilidade de travar novas batalhas, de

organizar novos quilombos, de inventar outra e nova vida. (EVARISTO, 2017, p.70-72).

Novamente essa ideia nos remete às memórias da colonização e da ancestralidade, quando as escravas faziam uma opção muito dolorida: evitavam engravidar, provocavam abortos e, muitas vezes, matavam as/os próprias/os filhas/os para que não passassem pela experiência amarga da escravização.

A cada gravidez mal sucedida, o marido de Ponciá bebia mais e mais em algum boteco da redondeza e se perguntava o que estava acontecendo com Ponciá, pois ela sempre foi muito trabalhadora no fogão, nas lavagens das trouxas de roupas das patroas. Ele sentia saudades da antiga Ponciá. Mas, ultimamente, andava bravo e sem paciência. As violências físicas e psicológicas eram constantes. Porém,

[...] desde o dia em que o homem de Ponciá havia batido nela tanto e tanto, a ponto de fazer-lhe sangrar a boca, depois, condoído do sofrimento que infligira à mulher, nunca mais ele agrediu-a, e se tornou carinhoso com ela. Foi tanto pavor, tanto sofrimento, tanta dor que ele leu nos olhos dela, enquanto lhe limpava o sangue, que descobriu não só o desamparo dela, mas, também, o dele. Descobriu que eram sós [...] Pouco a pouco, mais e mais, Ponciá se adentrava num mundo só dela, em que o outro, cá de fora, por mais que gostasse dela, encontrava uma intransponível porta. (EVARISTO, 2017, p.93).

No trecho acima fica evidente a tripla discriminação contra a mulher negra: Ocupa as atividades consideradas subalternas e conseqüentemente as menores remunerações e pior qualidade de vida. Assim como também, as violências físicas e psicológicas praticadas pelo companheiro que, embora reconhecesse as suas solidões, tinha como válvula de escape a bebida e os amigos do boteco. Enquanto que, para Ponciá restava o vazio e a saudade dos seus.

Assim, a solidão, a incompreensão e violência do marido; bem como a perda dos filhos, a pobreza e a ausência dos seus foram transformando a vida de Ponciá num grande vazio:

O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. “E agora feito morta-viva, vivia” (EVARISTO, 2017, p.30).

E cada dia mais mergulhada em seus vazios ausências, Ponciá prosseguia. No início, não gostava dessa sensação, mas, ultimamente, estava gostando, era uma maneira de esquecer seu sofrimento. Enquanto isso, Luandi retorna pela terceira vez à vila Vicêncio e não as encontra novamente:

A ausência da mãe de Luandi, pouco a pouco, foi se tornando certeza... no fogão

apagado, nenhum resto de cinza. Uma cobra deixara sua casca ou secara por ali. O coador de café seco e puído pelo não uso confirmava a ausência dos vivos. A sua canequinha de barro, a de sua mãe, a de sua irmã, e ainda, a de seu pai estavam intactas. Onde estariam as duas? Lembrou-se do pai e do Vô Vicêncio. Sabia que os dois estavam por ali. Dos mortos ele sabia, dos mortos ele entendia, e sentia a presença-ausência deles em tudo. O pior era a ausência dos vivos. Tocou no fundo do baú tocando fundo em suas lembranças. Susto tomou. “O homem-barro havia desaparecido.” (EVARISTO, 2017, p.76)

A ausência do homem-barro fez brotar uma esperança e certeza em Luandi, sua irmã estivera ali. Mas quando? Como? Onde ela estava? Desta vez é Luandi que sente o peso da solidão e a ausência dos seus. Sentia-se culpado por não encontrar a mãe e a irmã. E, assim, retorna para cidade, não sem antes buscar as bênçãos e conselhos de Nêngua Kainda:

Nêngua Kainda, falando a língua que só os mais velhos entendiam, abençoou Luandi. Falou que a mãe do rapaz estava viva e que eles se encontrariam um dia. Falou de Ponciá [...] a irmã estava na cidade, não muito longe dele. Carecia de encontrá-la urgente, acolhe-la antes que a herança se fizesse presente. Depois Nêngua Kainda olhou os trajés de Luandi e deu de rir, mais com os olhos. Ria dizendo que o moço estava num caminho que não era o dele. Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho? Se a voz de Luandi não fosse o eco encompridado de outras vozes-irmãs sofridas, a fala dele nem no deserto cairia. “Poderia sim, ser peia, areia nos olhos dele, chicote que ele levantaria contra os corpos dos seus.” (EVARISTO, 2017, p. 81).

Luandi que sempre acatou os conselhos de Nêngua Kainda desta vez ficou chateado com o riso e as palavras de deboche da mesma e, intimamente decidiu que, com ou sem sua bênção, ele seria soldado, este era um sonho há muito acalentado, para tanto já tinha até apreendido a ler com soldado Nestor. Com essa determinação retornou à cidade.

Assim como Ponciá e Luandi buscavam os seus, sua mãe, Maria Vicêncio, também os buscava, fazendo o percurso ao contrário, indo de vila em vila até chegar à cidade e retornando à sua casa, tentando encontrar os seus. Assim:

Quando retornou pela segunda vez, colheu notícias da filha. Na terceira vez, a velha Nêngua falou do filho e entregou o endereço que Luandi havia deixado [...] entendeu que já fosse a hora de buscar os filhos, mas foi advertida que o tempo não havia desenhado ainda o encontro dos três [...] para que desafiar o tempo[...] O humano não tem força para abreviar nada e quando insiste colhe o fruto verde, antes de amadurar. Tudo tem o seu tempo certo [...] O encontro com os filhos também pertencia à vontade do tempo e não somente dela. (EVARISTO, 2017, p.90)

Nêngua Kainda é uma personagem emblemática do romance, pois que revela nuances das vivências diaspóricas nos territórios da brasilidade. Ela reflete o símbolo da mãe, tia, avó de todas /os. Era a conselheira, curandeira, benzedeira. Era quem supria a ausência de atendimento médico-hospitalar da comunidade. Ponciá gostava dela, mas a temia; deu-lhe muitos conselhos antes de viajar para a cidade grande.

A presença de Nêngua Kainda, também nos remete às lideranças femininas africanas que gozavam de um status de sapiência e respeito nas comunidades, já que tinham a missão de transmitir os conhecimentos e saberes das/os antepassadas/os para os mais jovens. Isso nos revela as memórias ancestrais das culturas africanas de origem bantu e iorubá. Possuíam uma cosmologia rica e variada, se manifestando como grandes defensoras da vida e estabeleciam uma profunda relação espiritual com a terra e a natureza de modo geral. Inclusive com o tempo que, segundo o trecho acima, é quem determina o destino das pessoas. Eles concebem todos os integrantes como uma única unidade, uma grande família, vivendo de maneira plena, pois a morte para eles é apenas uma passagem para outra vida.

Essa cosmologia se manifesta em vários momentos do romance, tornando-se mais evidente no ato da morte de Nêngua Kainda:

[...] naquele momento, por um instante, o mundo inteiro pareceu se quedar. Nêngua Kainda adormecera. Um sol quente batia em sua pele negra enrugada pelas dobras dos séculos. Em silêncio ela adentrava num sono profundo, do qual só acordaria quando tivesse ultrapassado os limites de um outro tempo, de um outro espaço e se presentificasse ainda mais velha e mais sábia, em um outro lugar qualquer. (EVARISTO, 2017, p.99).

Conceição Evaristo reforça que:

É preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistências e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo. (EVARISTO, 2005, p.3).

A figura dela revela a potência das mulheres negras africanas no seio de seus familiares. Elas guardam e resguardam saberes ancestrais e repassam às novas gerações.

Em seu retorno à cidade, Luandi enamorou-se de Biliza, uma moça que assim como Ponciá e tantas outras, viera para cidade grande, alimentando o sonho de uma vida melhor. Trabalhou como empregada doméstica por muitos anos juntando dinheiro para comprar uma casinha, mas foi roubada pelo filho da patroa e acabou indo parar em um bordel, onde continuou sendo explorada pela dona do mesmo e por Climério. Foi nesse ambiente que Luandi a conheceu e prometeu à mesma, que assim que ele fosse soldado, arrumaria uma casa e, se ela quisesse, poderia morar com ele. Isso desagradou ao cafetão Negro Climério que, inconformado em perder sua fonte de renda, acabou por assassinar Biliza. Isso provocou uma profunda dor em Luandi, somando-se a isso a saudade de sua mãe e irmã, isolou-se em seu quarto, saindo de lá somente para limpar a delegacia.

Pode-se perceber que para os corpos negros, mesmo pós-escravização, tanto no interior, quanto nas cidades, os trabalhos que lhes resta são sempre trabalhos subalternizados: empregada doméstica, lavadeira, prostituta, ajudante de pedreiro, faxineiro da delegacia. Isso nos remete às memórias da escravização, pois, principalmente, as mulheres:

[...] foram classificadas como procriadoras de ‘escravos/os’, mulheres em idade fértil’ dentro do ‘período de reprodução’ ou ‘velhas demais para procriar’ Essas eram as categorias usadas para descrever mulheres negras [...] (HOOKS 1981, p.39 *apud* KILOMBA, 2019, p.141).

Assim, “[...] o corpo, a fertilidade e a sexualidade - o racismo, portanto - constrói a “mulheridade” negra como um duplo – ‘a doméstica assexual obediente’ e a ‘prostituta primitiva sexualizada” (HALL, 1992 *apud* KILOMBA, 2019, p. 143).

Além disso, o movimento de sair do interior em busca de uma vida melhor nas cidades era como se fosse uma segunda diáspora e confirmava a certeza de que não há um lugar para os corpos diaspóricos em uma sociedade branca, racista e patriarcal como a brasileira, tratando a essas/es como o “outra/o”, a/o estranha/o, a/o diferente, a/o subalternizada/o ou, como nos diz Ana Maria Gonçalves, elas/es carregavam: “um defeito de cor” (GONÇALVES, 2006). Ou ainda como ressalta Hall (2006, p. 33 *apud* ALMEIDA; BEZERRA, 2019, p.27): “esse conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um “outro” e de oposição rígida entre dentro e fora.”.

Quem está dentro? Quem está no centro? Quem está em posição de destaque? As/os brancas/os. Para constatar isso não precisa se afastar muito de nossas vivências. Vejamos por exemplo, a UFOPA, em Santarém e façamos a seguinte observação: quantos doutores professoras/es negras/os existem em seus quadros? E em outras instituições, quantos padres? Quantos médicos? Na cidade? Se considerarmos que as/os afrodiaspóricos correspondem a 53,6% da população brasileira, (IBGE, 2014). A que porcentagem corresponde à ocupação de cargos elevados das instituições brasileiras por esse público? Portanto, considerando a existência de uma fronteira da exclusão as/os negras/os estão fora, na margem, do outro lado da fronteira. Assim, percebe-se, que a ausência, e:

A invisibilidade dos corpos negros pode ser constatada não somente no espaço acadêmico como também em outros espaços de convivência social e cultural. No país que se vangloria de ser uma democracia racial e faz apologia da integração das diversidades que o constituem, os corpos negros são excluídos de um sistema que privilegia as aparências físicas e (por que não?) mentais (SANTOS, 2000, p. 33).

Neste contexto, assim como na colonialidade, também na atualidade, os corpos diaspóricos continuam ocupando funções subalternizadas, e lutando para sobreviver em uma sociedade patriarcal, racista e classista, onde para mulheres, negros e pobres a labuta se faz constante e permanente, permeada de alguns momentos de alegrias e esperanças de um novo porvir.

Assim, soldado Nestor, outro personagem do romance, foi quem encontrou a mãe de Luandi e a levou até o filho:

[...] a vida da mulher não cabia mais no peito, era como se o coração dela fosse explodir, não suportando a emoção de tão esperado encontro. Meu Deus, havia passado tanto tempo! Como estaria o filho! [...] A mãe de Luandi, naqueles dias, caiu na vida dele como um lenitivo. A presença dela ajudava o filho a suportar a dor causada pela morte de Biliza-estrela. [...] A papelada que faria dele soldado tinha chegado [...] Ficou feliz. [...] Precisava de um lugar urgente que pudesse abrigar a mãe. (EVARISTO, 2017, p. 101-103).

Com a presença da mãe, Luandi adquiriu novo ânimo para viver e tomou posse ao cargo de soldado e, apesar da dor que sentia pela morte de Biliza-Estrela, agora ele era um soldado. Tinha o poder de mandar. Tudo seria mais fácil, até para procurar a irmã. O que ele não podia imaginar era a surpresa que o aguardava. Ao chegar na estação, absorto em seus pensamentos vislumbrou ao longe a silhueta de uma mulher. A emoção foi tamanha que não conseguiu dar um passo, apenas um grito escapou de sua garganta: “Ponciá Vicêncioooooo...”

O nome de Ponciá Vicêncio ecoou na estação como um apito do trem e ela nem prestou atenção alguma ao chamado. Andava, chorava e ria dizendo que queria voltar ao rio [...] E no seu primeiro dia de serviço, sem experimentar o gosto do mando, soldado Luandi José Vicêncio antes da hora terminada deixou o posto de trabalho. Pegou a mão da irmã e foi com ela ao encontro da mãe. O tempo pedia, era hora de encontrar a filha e levá-la novamente ao rio. [...] A vida era um tempo misturado do antes-agora-depois-e-do-depois-ainda. Dos que foram, dos que estavam sendo e dos que viriam a ser [...] Ponciá Vicêncio, elo e herança de uma memória reencontrada pelos seus, não haveria de se perder jamais, se guardaria nas águas do rio. (EVARISTO, 2017, p.106 a 111).

Como se pode constatar no romance Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo muito revela do colonialismo, da escravização, das violências, racismos, machismo, discriminações e preconceitos impostos contra os povos diaspóricos. Mas também se pode vislumbrar um turbilhão de sentimentos, lutas, resistência, dores, silêncios, alegrias, amores, sabores, saberes, esperanças de um novo porvir. Fatos que são resgatados através da memória e ancestralidade. Para, além disso, demonstra que vários desses ascendentes africanos tinham, em sua origem, traços culturais dos povos Bantu, que são manifestados em vários momentos do romance. Tais

como: suas relações com o divino, à ligação e afeto com os seres da natureza o que os induzia a uma maneira singular de conceber a vida e a morte. Dessa forma, vemos em Ponciá muitos aspectos da cosmologia Bantu. Conforme Almeida e Bezerra (2019, p.17):

[...] a exemplo da ligação das personagens, especialmente as femininas, com o barro, criam formas com ele como se dessem vida a ele. Esse aspecto nos conduz à observação da própria mulher e a ligação dela com a terra, numa fusão de naturezas que representam o feminino. Do mesmo modo o barro (terra) também representa a terra África de onde vieram e para onde poderiam voltar, mas na impossibilidade dessa volta, podem representar essa africanidade nos modos de vida, nas produções, nas crenças entre outros aspectos.

Neste contexto, o angorô, o trabalho com o barro, a relação de afeto com o rio revela uma filosofia ou cosmologia que guia e orienta seus componentes em seus relacionamentos com a natureza e com os seres divinos. Onde natureza e humanos não são seres separados e nem hierarquizados. Mas sim potências que agem em constantes interações que movimentam o cosmo e o mantém em permanentes mutações e transformações. E, no giro desse, passaremos ao terceiro item do trabalho, no qual são reveladas as vivências dos povos diaspóricos africanos no contexto das grandes cidades contemporâneas brasileiras.

4 LIVRO DE CONTOS: OLHOS D'ÁGUA

4.1 Em meio ao racismo, à violência e à exclusão: a persistência da poesia, do afeto, da ternura e do amor.

A segunda obra a ser analisada trata-se de um livro composto de 15 contos, intitulado “Olhos d’água”, tendo o primeiro conto deste, o mesmo título, e prossegue com os demais, sendo eles: “Ana Davenga”, “Duzu Querença”, “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “O Beijo na face”, “Luamanda”, “O Cooper de Cida”, “Zaíta, esqueceu de guardar os brinquedos”, “Di lixão”, “Lumbiá”, “Os Amores de Quimbá”, “Ei Ardoca”, “A gente combinamos de não morrer” e “Ayoluwa, a alegria de nosso povo”.

Nos quinze contos que compõem a coletânea, Conceição Evaristo enfoca a população afrodiáspóricas, abordando e desmistificando o mito da democracia racial, evidenciando a ausência de políticas públicas; desnudando o racismo, a pobreza e a violência urbana que a acometem. Constatando que o colonialismo através da escravização é a raiz do racismo, do preconceito e da discriminação que estão impregnados na mentalidade da sociedade brasileira, fenômenos causadores da exclusão que condiciona essas pessoas a viverem na margem das

benesses da produção da riqueza desse país. Mas, especialmente, para a mulher negra, esse contexto se apresenta mais desfavorável, pois, sobre a mesma interseccionam-se:

[...] um cenário de discriminações, as estatísticas que demonstram pobreza, baixa escolaridade, subempregos, violações de direitos humanos, traduzem histórias de dor. Quem não vê? Parcelas da sociedade estão dizendo para você que este é o cenário [...]; pode-se ver tanto a mulher destituída, vivendo o limite do ser-que-não-pode-ser, inferiorizada, apequenada, violentada. Pode-se ver também aquela que nada, buscando formas de surfar na correnteza, A que inventa jeitos de sobrevivência, para si, para a família, para a comunidade. (WERNECK, 2016, p.14).

No conto “Olhos D’Água”, Conceição Evaristo inicia seu relato falando da angústia que aflora no íntimo de uma das filhas de uma grande família negra, em que a figura da mãe se destacava como liderança e arrimo de família. A figura paterna não é revelada em nenhum momento do relato. A filha acorda numa certa noite se fazendo a seguinte pergunta: De que cor eram os olhos de minha mãe? Pergunta que a acompanhará por muito tempo, repetindo-se em sua mente, aliada a vários sentimentos: tristeza, culpa e remorso, em tom acusativo, carregada de angústia e incomodo: “De que cor eram os olhos de minha mãe? Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo [...] da verruga que se perdia no meio de uma cabeleira crespa e bela.” (EVARISTO, 2016, p. 16).

Mesmo conhecendo profundamente os detalhes físicos de sua mãe, não conseguia lembrar de que cor eram os seus olhos. No detalhamento do corpo da mãe, Conceição Evaristo revela não somente uma ternura e afetos profundos entre mãe e filhas, mas também enaltece a beleza da negritude ao destacar a cabeleira “crespa e bela”, já que o cabelo é uma das características físicas dos diaspóricos, utilizada pela branquitude como fator de diferenciação e depreciação. Considerando-os feios, selvagens, ruins, sarará, dentre tantos outros adjetivos pejorativos atribuídos pelas/os brancas/os. Isso nos remete à discussão suscitada na obra “Memórias da Plantação” de Kilomba (2019) onde questiona:

Quem é diferente de quem? Uma pessoa apenas se torna diferente no momento em que dizem para ela que ela difere daquelas/es que têm o poder de definir como ‘normal’[...] Ou seja, não se é diferente, torna-se diferente por meio de um processo de discriminação. (KILOMBA, 2019, p. 121).

Nesse conto também é muito difícil estabelecer o limite entre ficção e realidade, pois a autora parece estar falando sobre si, de sua infância e pobreza no contexto da favela do Pendura Saia, na periferia de Belo Horizonte, quando ajudava sua mãe na lavagem das roupas das/os

brancas/os. Mas, também, nos induz a pensar que está falando sobre o coletivo diaspóricos, ou seja, sobre nós: negros, índios, mestiços e brancos pobres desse país. Relatando e denunciando as vivências das/os excluídas/os e subalternizadas/os dessa nação:

Às vezes as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me que, muitas vezes quando a minha mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. [...] Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía. (EVARISTO, 2016, p. 16-17).

Esse trecho além de revelar a persistência de uma vida de exclusões dos povos diaspóricos africanos, também denuncia o cotidiano de muitas famílias carentes de nosso país, em que falta o mínimo de alimento e de condições dignas de moradia, mas sobra amor, partilha, ternura e harmonia familiar. Além da falta de alimento, as péssimas condições de moradia, também são denunciadas no conto:

E eu não sei se o lamento - pranto de minha mãe, se o barulho da chuva [...] Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia! Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela? (EVARISTO, 2016, p.17).

Mesmo se constatando suas carências de condições materiais para uma sobrevivência digna, isso não as impede de viverem uma vida de partilha, solidariedade, ternura, amizade e harmonia familiar. O amor é o elo que os mantém entrelaçados e fortalecidos para sonhar e forjar possibilidades de um bom viver. Assim como a autora do conto, muitas de suas personagens fogem da miséria e pobreza do interior em busca de uma vida mais promissora na cidade grande. Assim aconteceu com Conceição Evaristo, Ponciá, Biliza-Estrela, Duzu-Querença, Cida, e tantas outras. Essa personagem inominada do conto “Olhos D’Água”, também faz o mesmo trajeto: deixou as irmãs e a mãe para trás, mas diz que jamais a esqueceu:

Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias, e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas as nossas ancestrais que desde África vinhamarando a terra da vida com suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas senhoras, nossas yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? (EVARISTO, 2016, p. 18).

Além da persistência da pergunta, também é visível o respeito e deferência às suas

ancestrais como promovedoras da vida, de lutas e resistências contra os sistemas de escravização, violência e racismo, ou seja, a discriminação, opressão e exclusão que perduram até a atualidade.

Tomada pelo desespero retornou à sua cidade natal para rever sua mãe e descobrir a cor de seus olhos. E, surpreendeu-se com o que viu ao chegar lá:

Vi lágrimas e lágrimas. Entretanto ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso prantos e prantos a enfeitar seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Água de mamãe Oxum! Rios calmos mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas. Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha [...] Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: Mãe, qual é a cor tão húmida de seus olhos? (EVARISTO, 2016, p. 18-19).

Como se pode constatar: poesia, afeto e ternura, traduzem a relação entre três gerações de mulheres negras que, apesar de todo sofrimento e de tantas lágrimas, nunca deixaram de inventar, criar, recriar, lutar, sorrir e amar.

Sendo, o amor, o elo que os fortalece contra os dissabores de uma vida de discriminações, sofrimentos e exclusões, esse segundo conto “Ana Davenga” revela-nos que, nem mesmo esse sentimento é capaz de impedir os traumas cotidianos pelos quais passam os povos diaspóricos africanos nas periferias das cidades brasileiras. Essa Escrevivência nos fala de um relacionamento amoroso entre Ana e Davenga, que era uma das lideranças do morro. Nele são descritas as vivências de uma parcela dos afrodescendentes, moradores das favelas, nos grandes centros urbanos do País:

As batidas na porta ecoaram como um prenúncio de samba ou de macumba estava a dizer que tudo estava bem [...] Um toque diferente, de batidas apressadas dizia algo mau, ruim, danoso no ar. O toque que ela ouvira antes não prenunciava desgraça alguma. Se era assim, onde andava o seu, já que o das outras estavam ali? Por onde andava seu homem? Por que Davenga não estava ali? [...] Tinha um coração de Deus, mas invocado, era o próprio diabo [...] No princípio, os companheiros de Davenga olhavam Ana com ciúme, cobiça e desconfiança [...] Ana passou a ser quase uma irmã que povoava os sonhos incestuosos dos homens comparsas dos delírios e dos crimes de Davenga [...] parecia ter mesmo o poder de se tornar invisível. Um pouco que ela saía para buscar roupas no varal ou falar um tantinho com as amigas, quando voltava dava com ele, deitado na cama. Nuzinho. Bonito o Davenga vestido com a pele que Deus lhe deu. Uma pele negra, esticada, lisinha, brilhosa. Ela mal fechava a porta e se abria todinha para o seu homem [...] Era tão grande, tão forte, mas tão menino, tinha o prazer banhado em lágrimas. Chorava feito criança. Soluçava, umedecia ela toda [...] Não restava nada a fazer, a não ser enxugar o gozo- pranto de seu homem. (EVARISTO, 2016, p. 21-23).

Além de revelar a vida sobressaltada vivenciada por Ana Davenga, também destaca sobre as amizades de Davenga, dos ciúmes, cobiça e desconfiança em relação a ela. Demonstra, ainda, as várias formas de exclusões e violências contra os afrodescendentes. Porém, Conceição Evaristo não se prende em destacar apenas a vida embrutecida dessas pessoas, como também, enaltece as qualidades e beleza da pele negra, pois, enquanto que para a branquitude, a cor da pele negra é o que as/os torna diferentes, associando-as/os ao que é bizarro, feio, sujo, impuro, transformando-as/os na/o “outra/o”, ela se contrapõe aos estereótipos da literatura branca, destacando a beleza da pele negra e, conseqüentemente, reforça uma autoimagem positiva dos povos diaspóricos:

Ele queria uma mulher só. Estava cansado de não ter pouso certo [...] Ana ficou para sempre no barraco e na vida de Davenga. Ana resolveu adotar o nome dele. Ela queria a marca do homem dela no seu corpo e no seu nome [...] Se um dia caísse preso e não conseguisse fugir, se mataria [...] Ah, isto pertence ao futuro. Só que o futuro ali chegava rápido. O tempo de crescer era breve. O de matar e morrer chegava breve também. E o filho dela e de Davenga? Cadê Davenga, meu Deus? [...] Dois policiais entraram de arma em punho [...] Ela se encolheu levando a mão na barriga, protegendo o filho, pequena semente, quase sonho ainda [...] Na favela os companheiros de Davenga choravam a morte de Davenga e de Ana, que morrera ali na cama, metralhada, protegendo com as mãos um sonho de vida que ela trazia na barriga [...] Em uma garrafa de cerveja cheia de água, um botão de rosa, que Ana Davenga havia recebido de seu homem, na festa primeira de seu aniversário, vinte e sete, se abria. (EVARISTO, 2016, p. 26-30).

Assim como no conto de Ana Davenga, também no conto, ‘A gente combinamos de não morrer’, são relatadas as vivências de jovens negros que tentam driblar as perseguições, violências policiais e as demais exclusões sociais. A autora, em sua Escrivência, tenta demonstrar esse contexto de brutalidades e violências físicas e psicológicas, através de metáforas e vocábulos carregados de significados: “Quem não tem colírio usa óculos escuros”, “as vezes a morte é leve como a poeira. E a vida se confunde com um pó branco qualquer”. “as vezes é uma fumaça adocicada enchendo o pulmão da gente” “Um tapa, dois tapas, três tiros...Minha mãe brincava assim com a gente: Um elefante amola a gente, amola! [...]” “Vacilou dançou [...]” “Mais um corpo tombou”, “Minha mãe sempre costurou a vida com fios de ferro”, “Escrever é uma maneira de sangrar[...] E de muito sangrar, muito e muito ...”

Outro conto que retrata o racismo, a violência e a exclusão contra os corpos diaspóricos é “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” que nos relata a história de duas irmãs gêmeas que procuram por uma figurinha de flor, a qual disputavam entre si. Quando:

Zaíta seguia distraída em sua preocupação [...] Mais um tiroteio começava [...] Em meio ao tiroteio a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas,

ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Dai um minuto tudo acabou [...] Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão [...] Naíta demorou um pouco para entender o que havia acontecido. E assim que se aproximou da irmã, gritou entre o desespero, a dor, o espanto e o medo: - Zaíta, você esqueceu de guardar os brinquedos! (EVARISTO, 2016, p. 76).

Conceição Evaristo faz uma denúncia contundente da necropolítica efetivada contra a população afrodescendente, onde, nem mesmo as crianças estão livres desses traumas. As invasões policiais nas favelas são corriqueiras, e estas quase sempre resultam em violência contra os corpos negros, confirmando que “a diáspora não parece ter acabado, ela tem outras formas de se manifestar. A ferida colonial continua dizendo que não existe um lugar para o negro no mundo, nem mesmo em lugar com tantos problemas sociais como a favela.” (OLIVEIRA, 2021, p.176).

Diferente de Ana Davenga que morre aos vinte e sete anos e das/os demais citados anteriormente, “Duzu-Querença”, a personagem do terceiro conto, chega à idade senil, porém grafada com muitas marcas em seu corpo. Outrora, as senhoras e senhores usavam o ferro em brasa, o chicote, dentre outros instrumentos de tortura. Na atualidade, o chicote contra os corpos diaspóricos se transmuta em palavras “doces”, “educadas”, promessas de estudo, de uma vida melhor, foi assim que aconteceu com Duzu-Querença:

Quando chegou na cidade era menina, bem pequena. Viera numa viagem de trem dias e dias [...] Na cidade havia senhoras que empregavam meninas. Ela podia trabalhar e estudar [...] Um dia seria pessoa de muito saber [...] Ficou na casa da tal senhora durante muitos anos. Era uma casa grande de muitos quartos. Nos quartos moravam mulheres que Duzu achava bonitas [...] Ajudava na lavagem e na passagem da roupa [...] Fazia a limpeza dos quartos. Algumas vezes ia entrar-entrando e assim viu várias vezes homens dormindo em cima das mulheres. Homens mexendo em cima das mulheres. Homens trocando de lugar com as mulheres. Gostava de ver aquilo tudo. Em alguns quartos a menina era repreendida [...] Um dia o homem estava deitado nu e sozinho. Pegou a menina e jogou na cama. (EVARISTO, 2016, p.32-33).

A história da menina Duzu é emblemática, pois reflete as vivências de muitas meninas, não só de meninas negras, mas, de brancas pobres também. Sendo que para as meninas negras isso se constitui desde a colonialidade, quando eram exploradas e abusadas sexualmente, retirando-lhes o direito à infância e aos estudos. Assim persiste a violência, o racismo contra os corpos negros, especialmente, contra os corpos femininos, porque essas, saindo do interior, fugindo de uma vida de miséria e exclusão no pós-abolição, se deparam com essa realidade nos centros urbanos, transforma-se segundo Kilomba (2019) em ‘doméstica assexual obediente’ ou em ‘primitiva, prostituta sexualizada’.

Assim, no cotidiano de Duzu Querença:

Um dia quem abriu a porta de supetão foi Dona Esmeraldina. Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem podia. Só uma coisa não ia permitir: Mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro [...] É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e porque parar [...] Morou ali muitos anos e de lá partiu para outras zonas. Acostumou- se aos gritos das mulheres apanhando dos homens, ao sangue das mulheres assassinadas. Acostumou-se às pancadas dos cafetões, aos mandos e desmandos das cafetinas. Habitou-se à morte como uma forma de vida. (EVARISTO, 2016, p. 34)

Como se pode constatar, nesse e em outros contos:

A persistência da violência sexual no contexto brasileiro é reflexo da colonialidade do gênero. A cultura do machismo, subproduto da ideologia patriarcal, coloca a mulher negra como objeto e propriedade do homem branco. Na condição de proprietário, o homem branco se sente legitimado para violentar as meninas negras (OLIVEIRA, 2021, p. 184-185).

Não só as meninas, mas, também as crianças e mulheres adultas, como vemos também em outros contos e personagens, como: Salinda, protagonista de “Beijo na Face”, Natalina, de “Quantos filhos Natalina teve?” Luamanda, dentre outros, nos quais Conceição Evaristo, em suas Escrivências, denuncia a violência de gênero e rechaça a cultura do estupro e do machismo, revelando que, muitas vezes, ela é não só silenciada, omitida e admitida, como também é romanceada na literatura e na sociedade brasileira como um todo.

Nesse sentido convida-nos a uma reflexão sobre as condições em que se produz o abuso sexual recorrente e historicamente persistente de crianças, meninas e mulheres. Propondo a superação dessa herança patriarcal contra os corpos femininos negros. Segundo dados do IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, (2014), a cada ano no Brasil, 0,26% da população sofre violência sexual, sendo que desses, 51% das vítimas são de meninas negras. Ou seja, pelo menos, nesse quesito a proporção corresponde quase ao total da população diaspórica no Brasil. Assim, a colheita do racismo não trouxe apenas violência física através da escravização, mas também, violência sexual e simbólica. Todos os dias as mulheres brasileiras negras têm sido vítimas da discriminação racista, classista e sexista, no Brasil.

Assim, Duzu-Querença é apenas mais uma, dentre tantas e tantas meninas negras que saem do interior sonhando com uma vida melhor na cidade. Teve muitos filhos, nove ao todo:

Todos espalhados pelos morros e zonas da cidade. Com a morte do filho Tático de 13 anos, entrou em desespero [...] Ficava amuada, diante da porta da igreja. Resolveu voltar ao morro. Deu de brincar de faz de conta. Duzu estava feliz. Havia se agarrado aos delírios, entorpecendo a dor. E foi se misturando às roupas do varal que ela

ganhara asas e assim viajava, voava, distanciando-se o mais possível do real [...] Estava chegando uma época em que o sofrer era proibido. Mesmo com toda dignidade ultrajada, mesmo que matassem os seus, mesmo com fome cantando no estômago de todos, com o frio rachando a pele de muitos, com a doença comendo o corpo, com o desespero diante daquele viver-morrer. Por maior que fosse a dor, era proibido o sofrer. (EVARISTO, 2016, p.34-35).

E buscando apaziguar os sofrimentos, Duzu-Querença acalentava o sonho de desfilar no carnaval vestida de baiana:

Catava papéis brilhantes [...] Estrela era para a menina Querença, moradia nova, bendito ayê, onde ancestrais e vitais sonhos haveriam de florescer e acontecer (...) Duzu continuava enfeitando a vida e o vestido. O dia do desfile chegou. Era preciso inaugurar a folia. Despertou cedo. Foi e voltou. Levantou voo e aterrizou. E foi escorregando brandamente em seus famintos sonhos que Duzu visualizou seguros plantios e fartas colheitas. Estrelas próximas e distantes existiam e insistiam. Rostos dos presentes se aproximavam. Faces dos ausentes retornavam. Vó Alafaia, Vô Kiliã, Tia Bambene, seu pai, sua mãe, seus filhos e netos. Menina Querença adiantava-se mais e mais. Sua imagem crescia, crescia. Duzu deslizava e visões e sonhos por um misterioso e eterno caminho [...] Querença desceu o morro recordando a história de sua família, de seu povo [...] E foi no delírio da avó, que haveria de sempre umedecer seus sonhos para que eles florescessem e se cumprissem vivos e reais. Era preciso reinventar a vida. Encontrar novos caminhos [...] Não sabia ainda como. Estava estudando, ensinava as crianças menores na favela, participava do grupo de jovens da Associação de Moradores e de Grêmio da Escola. Intuíva que tudo era muito pouco. A luta devia ser maior ainda. Menina Querença tinha treze anos, como seu primo Tático que havia ido por aqueles dias. (EVARISTO, 2016, p.36-37).

O conto de Duzu-Querença narra uma gama de situações de racismo e violência, já referendados em outros contos: violência sexual, psicológica, racial e de classe. Denotando que a vida dos diaspóricos africanos pouco importa. Ou quando muito, só desfrutam de certa importância quando é para realizar trabalhos subalternizados. Isso é o que transparece nas obras de Conceição Evaristo e o que se constata na vida real. Mas nos revelam também formas de se opor e resistir a esses contextos.

E, assim como a autora, a menina Duzu participa das organizações populares, buscando para si e para o coletivo, novas perspectivas de vida.

O quarto conto é ‘Maria’, o qual retrata a história de uma mulher negra, pobre, mãe de três filhos, empregada doméstica e que sonha em melhorar de vida através de seu trabalho. Apesar de ser um conto pequeno, tive que fazer três pausas, “três engasgos” para concluir a leitura. No trecho seguinte, podemos analisar a brutalidade impingida por um racismo estrutural contra um corpo feminino negro:

Maria estava parada há mais de meia hora no ponto do ônibus. Estava cansada de esperar [...] No dia anterior... havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos [...] O homem falava, mas continuava estático, preso, fixo no banco.

Cochichava com Maria as palavras, sem virar para o lado dela [...] Ele estava dizendo de dor, de prazer, de alegria, de filho, de vida, de morte, de despedida. Do buraco-saudade no peito dele: um abraço, um beijo, um carinho no filho. E, logo após, levantou rápido sacando a arma. Outro gritou que era um assalto. Maria estava com muito medo. Não dos assaltantes. Não da morte. Sim da vida. Tinha três filhos [...] Os assaltantes desceram rápido [...] Alguém gritou que aquela puta safada lá da frente conhecia os assaltantes. Maria se assustou. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai de seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que tu estava de coleio com os dois [...] Calma, gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também [...] Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha! [...] Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo estava todo dilacerado, todo pisoteado [...] Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2016, p. 39-42).

Talvez pelo fato de ser mãe, arrimo de família, assim como ela, talvez pela brutalidade do ato, ou mesmo, por não compreender a irracionalidade do racismo, este foi um dos contos que mais me impactou e afetou sentimentalmente. E, refletindo sobre o mesmo, me fiz o seguinte questionamento: Se fosse um homem ou uma mulher branca, vivenciando aquele contexto, será que alguém teria coragem de acusar e de gritar “lincha!”?

Nessa cena, a mulher negra é destituída de uma vida social. Não tem amores, não tem filhos ou família para alimentar, cuidar, educar, amar. É inferiorizada, desumanizada. Naquele contexto ela é apenas uma ‘negra safada’ que estava de coleio com os marginais. Não foi concedido a ela sequer o direito de fala para sua defesa, foi, literalmente, silenciada, reduzida ao estigma de ‘negra safada’. Ela é constituída como o ‘Outro’ do ‘Outro’ Ela é apenas um corpo negro atrevido que deveria fazer o seu papel de corpo a serviço do patriarcado.

Nos demais contos do livro, repetem-se narrativas de racismo, sexismo e desigualdades sociais diversas que revelam uma pluralidade de personagens de avós, mães, avôs, pais, tios tias, filhas/os, amantes, mendigas/os cafetões, cafetinas, meninas/os. Todos enlaçados pelos “fios de ferro” que costuram as duras condições de vida e sobrevivência de muitos diaspóricos e subalternizados de nosso país. E, talvez o último conto do livro, consiga abarcar essa pluralidade de existências.

No último conto do livro, Evaristo usa uma linguagem metafórica para falar de seu povo. O Conto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo.” relata a história de um povo que não encontrava mais razão para viver. Há muito, que suas vidas havia perdido o sentido do existir. Tudo “pitimbava”. Seus dias passavam como um café “sambango”, ralo, frio e sem gosto. Nenhuma criança nascia, os jovens começaram a se encafiar dentro deles mesmos a se tornarem infelizes. Puseram-se a matar uns aos outros atentando contra a própria vida, bebendo líquidos maléficos ou aspirando um tipo de areia fininha, que em poucos dias, acumulava e endurecia dentro dos

pulmões.

Havia escassez de tudo: mãos para o trabalho, alimento, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos. [...] Os mais velhos, acumulados de tanto sofrimento olhavam para trás e do passado nada reconheciam no presente. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo. O que fizeram, então? Deram de clamar pela morte. E a todo instante e com tristeza muitos se foram: vô Moyo, o que trazia boa saúde, tio Mazud, o afortunado, o velho Obede, o homem abençoado, e outro e outros... As velhas mulheres também. Elas que sempre inventavam formas de enfrentar e vencer a dor, não acreditavam mais na eficácia delas próprias. E pediam à vida que as esquecesse e as deixasse partir [...] nosso povoado infértil morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar [...] Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... Mas sempre inventamos a nossa sobrevivência. E foi bonito o primeiro choro daquela que veio para trazer alegria para o nosso povo... E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução. (EVARISTO, 2016, p. 111).

Como se percebe não só no trecho acima, mas também em todo livro, a autora consegue retratar sentimentos antagônicos; amor-dor, coragem -medo, esperança-desilusão, indignação - Conformação, passado-presente, início e fim. É uma gama de sentimentos contraditórios que acabam se embrincando para revelar os traumas e alegrias da vida. Carregados de nostalgia e lirismo, o que nos faz pensar sobre o íntimo de cada indivíduo que se depara com situações limites da existência humana, contagiando o coletivo diaspóricos com o desânimo e desesperança, entendendo que a morte é a única opção. Mas o nascimento de uma nova vida os faz reviver e sair desse estado de WAKE, levando-os a buscar alternativas para o bem viver.

E Conceição Evaristo, tanto com sua história de vida, quanto em suas protagonistas Ayoluwa e Maria-Nova de Becos da Memória, simbolizam essa esperança de um novo porvir para os afrodiáspóricos. Desta forma, a história individual da menina pobre Maria da Conceição, moradora da Favela Pendura Saia, mescla-se à ficção de tantas outras meninas negras moradoras dos becos e favelas desse país. Assim, Evaristo, ao falar de si, reflete a história de um coletivo feminino e negro:

É a infância que ecoa esperança: Menina, o mundo, a vida, tudo está aí! Nossa gente não tem conseguido quase nada. Todos aqueles que morreram sem se realizar, todos os negros escravizados de ontem, os supostamente livres de hoje, libertam na vida de cada um de nós, que consegue se realizar. A sua vida, menina, não pode ser só sua. Muitos vão se realizar por meio de você. Os gemidos estão sempre presentes. É preciso ter os ouvidos, os olhos e o coração aberto. (Evaristo, 2013 [2006], p. 156, *apud* OLIVEIRA, 2021, p. 221).

E no embrincar de realidade e ficção com o coração, olhos e ouvidos bem abertos, a menina Maria da Conceição, através de sua escrevivência: publica, grita, clama: Não somos

escravas/os! Fomos e somos escravizadas/os! Discriminadas/os! Marginalizadas/os! Subalternizadas/os! Desumanizadas/os! Exigimos equidade e igualdade social. Exigimos direitos humanos!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o exposto acima e visando responder ao questionamento proposto, acredita-se ter explicitado a importância da obra de Conceição Evaristo como objeto de apreciação antropológica para a análise e interpretação do entrelaçamento das relações entre o “Eu” branca/o e a/o “Outra/o” negra/o no processo de construção da sociedade brasileira.

Contar a história do povo negro a partir de suas próprias perspectivas, certamente, favorece a possibilidade de maior completude nos relatos de experiências e vivências individuais e coletivas regatadas, através da memória e histórias de suas/eus ancestrais. Isto é o que faz Conceição Evaristo em suas Escrevivências.

Sua produção literária se constitui como um desejo de suprir o vazio historiográfico da corporeidade negra, especialmente a feminina. É um modo que a autora encontrou de ferir o silêncio imposto ao seu povo ao longo dos séculos de colonização. É um gesto de protesto e de teimosa esperança. Seu posicionamento não se constitui só de sonhos, mas, efetivamente, propõe solução, apresenta alternativa para a construção de uma nova mentalidade da sociedade brasileira. Ela deseja não apenas se opor ao racismo e discriminação que provocam a exclusão, mas propõe inovação, conscientização, mudanças consistentes e reais nas estruturas sociais da sociedade brasileira.

Para quem olha e enxerga apenas pela superfície, até parece-lhe contraditório a assertiva: Mostrar a realidade através da ficção. Mas não o é! Se observarmos com maior profundidade e atenção, constatar-se-á que, não só na literatura, mas também nas suas vivências, a autora demonstra que ficção e realidade estão intimamente interligadas e indissociadas. Por este motivo, em vários momentos do trabalho invoco a autora estabelecendo relações e dialogando com as situações vivenciadas por suas protagonistas em seus cotidianos de discriminação, racismo, violências físicas e psicológicas; sofrimentos e exclusões sociais.

Assim como na vida real, a maioria de suas/eus personagens possuem um objetivo em comum: a busca de uma vida melhor para si e seus familiares. A maioria das/os personagens é composta de mulheres negras e pobres que, normalmente, são arrimos de família, em que a figura dos homens é inominada ou ausente.

Dessa forma, ao analisar o romance “Ponciá Vicêncio” enfatizamos os aspectos das memórias individuais e coletivas relacionadas ao período da escravidão e colonização. E a multiplicidade de relações com suas divindades religiosas, culturas, línguas e diferenciadas percepções de mundo.

Refletindo sobre a memória e ancestralidade dos povos diaspóricos deparamo-nos com questionamentos que nos fazem transcender ao fundo de nossa psiquê. E isso nos leva à indagação: Quem sou eu? De onde vim? Qual a minha origem genética e cultural? Eu faço parte do Eu branco ou do Outro, o negro/a? Uma vez que fica evidente que nossas bisavós, avós e nossas mães foram sendo moldadas, podadas e domesticadas junto com o processo de domesticação das plantas e das gentes dessa nação. Sob a estrutura capitalista, foram triplamente discriminadas, desclassificadas, desumanizadas, objetificadas. Como mulher, negra, índia e pobres foram transformadas em força de trabalho para o desenvolvimento da economia e das riquezas desse país. Também como mulher, negra, índia e pobres foram vítimas de abusos sexuais; muitas, estupradas e engravidadas na mais tenra infância; sujeitadas, desumanizadas, silenciadas e mortas. A maioria de nós somos frutos não de afetos recíprocos, mas sim como consequências de violações e violências sexuais cometidas contra nossas ancestrais. Como mulheres brancas, ricas e pobres, negras e índias foram espancadas, estupradas, violentadas, silenciadas e assassinadas pelos machos opressores, frutos de uma estrutura social misógina, individualista, patriarcal, racista, classista, capitalista, onde os homens brancos eram e/ou ainda são os privilegiados nessa estrutura de poder, opressão e de exclusão contra os corpos femininos, especialmente o corpo negro. Quanto mais negra for a cor, maior é a dor.

No livro de contos “Olhos D’água” destacou-se apenas àqueles que mais evidenciam, não somente a discriminação e violências impostas aos corpos diaspóricos, mas também a poesia, a ternura e o amor vivenciados pelas/os mesmas/os, uma vez que esses sentimentos se transmutam em formas de lutas e resistências contra as discriminações e o racismo estrutural e institucional vivenciados no cotidiano brasileiro, especialmente no ambiente de violências e traumas corriqueiros da necropolítica que instituiu-se nas favelas e comunidades das cidades contemporâneas brasileiras.

Nas duas obras fica evidente o resgate das histórias e memórias ancestrais. Desnudando e denunciando a persistência do racismo, da discriminação e das violências impostas à corporeidade negra e as resistências e resiliências frente às mesmas. Para além disso, nos revelam uma gama de saberes, culturas e religiosidade dos povos diaspóricos que conseguiram alguma penetração social contribuindo para tensionar, regular e mediar a ocupação desses

contextos onde foram sendo construídos, apreendidos, ressignificados e socializados, como forma de empoderamento ancestral.

Assim, toda a arte literária da doutora Conceição Evaristo é permeada pela denúncia da ausência da corporeidade negra na literatura, na história, na antropologia e nas demais ciências sociais. E traz à cena esse debate para o contexto científico contemporâneo e conclama a todas/os e todes para a inclusão desses, não só para seus discursos acadêmicos, mas também para se posicionarem na denúncia contra o racismo e demais exclusões sociais. Ela denuncia a condição social imposta aos diaspóricos através de sua escrevivência e nos apresenta a sua proposta teórica metodológica “Escrevivência”, não somente para tensionar e reivindicar o lugar das/os negras/os na construção dessa nação, mas também para questionar os paradigmas da construção do conhecimento acadêmico científico que prioriza o saber e conhecimento eurocêntrico e negligencia o saber e o conhecimento da “amefricanidade”, principalmente, a produção intelectual das mulheres negras.

À guisa de conclusão se pode dizer que a importância da literatura de Conceição Evaristo não se restringe apenas em ser um instrumento de denúncia contra as discriminações raciais, econômicas e sociais contra os povos diaspóricos africanos subalternizados desse país, uma vez que sua obra favorece a reflexão e análise antropológica sobre as relações entre ‘Eu branca/o e o ‘outro’ negra/o.

Essa Escrevivência possui dupla dimensão: Igualar os diaspóricos africanos desse país aos demais cidadãos/ãos em direitos e equidade social. E ainda promove a produção literária das mulheres intelectuais negras, que há muito, são invisibilizadas em relação à produção dos homens brancos. Reforçando assim, a necessidade do empoderamento feminino, preenchendo o seu lugar de fala e seu lugar de escrita na produção do conhecimento acadêmico e científico.

Nesse sentido, as obras e a teoria metodológica da Escrevivência de Evaristo nos incentiva à reflexão para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva daqueles que sempre estiveram à margem da sociedade brasileira.

Em síntese, respondendo à pergunta de Gayatri Spivac “Pode o subalterno falar?”, argumenta Oliveira (2009, p.623): “Mais que isso: falar, ser ouvido, redigir outra história, outra versão, outra epistemologia, que leve em conta não o arquivamento das versões dos vencidos, mas que valorize o sujeito comum, anônimo, do dia-a-dia”. É assim que a doutora e intelectual negra Conceição Evaristo nos apresenta suas Escrevivência, como um movimento do devir negro ao mundo, ocupando os espaços que lhes foi negado por aqueles que se julgam e/ou julgavam senhores dos mundos, das pessoas e das ideias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de; BEZERRA, Simone Maria. **“Escreviência: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo”**. Revista Científica da FASETE, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte-MG: Letramento: Justificando, 2018.
- BAROSSO, Luana. **“Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 51, p. 22-40, maio/ago. 2017.**
- CESAIRE, Aimé. **“Discurso Sobre o Colonialismo”**. Lisboa: Sá da Costa Editora. 1978. P.p.13-29.
- DIAGNE, S. B. **“A Negritude como movimento e como devir”**. In: **Ensaio Filosóficos**, Volume XV- julho/2017.
- EVARISTO, Conceição. **“Vozes Mulheres”**. In; Cadernos Negros. 1990.
- EVARISTO, Conceição. **“Ponciá Vicêncio”**-1 ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
- EVARISTO, Conceição. **“Becos da Memória”**- 1 ed. Belo Horizonte. Mazza. 2006.
- EVARISTO, Conceição. **“Insubmissas Lágrimas de Mulheres”**-2 ed. -.Rio de Janeiro: Malê, 2016
- EVARISTO, Conceição. **“Olhos D’Água”**. -1 ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (org.) Brasil afro-brasileiro/ organizado por Maria Nazareth Soares Fonseca. -2. Ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FREITAS, Marcos Cezar de. **“Historiografia Brasileira em Perspectiva”**- 7. ed. -São Paulo: Contexto, 2012.
- GONÇALVES, Ana Maria. **“Um defeito de cor”**-1ed. São Paulo- Rio de Janeiro, 2006.
- HARAWAY, Donna. **“Manifesto das espécies de companhia”**. 2003.
- INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. (2018). **Atlas da violência 2018- políticas públicas e retratos dos municípios brasileiros**. Acesso em: 20/08/2021. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio-institucional/180614-a-tlas-2018-retratos-dos-municipios.pdf>.
- KILOMBA, Grada. **“Memórias da Plantação”** - Episódios de racismo cotidiano- 1. Ed.- Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MORRISON, Toni. **“Amada”**; tradução José Rubens Siqueira.- São Paulo: Companhia das

Letras, 2007.

MBEMBE, Achille. “Necropolítica”. Arte e Ensaio. Revista do ppgav/eba/ufrj. nº 32. Dezembro de 2016.

MBEMBE, Achille. “O devir negro no mundo”. A crítica da razão negra. São Paulo: Nº1. Edições. 2008. P.p. 9-22.

OLIVEIRA, Iris Verena. **“Escrevivências e Limites da Identidade na Produção de Intelectuais Negras”**: Currículo sem Fronteiras, v. 17, n.3, p. 633-658, set./dez. 2017.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **“Escrevivência em Becos da Memória de Conceição Evaristo”**- Estudos Feministas. Florianópolis, 17:000-000. UFMG- Belo Horizonte: Mazza, 2009.

OLIVEIRA, Joice Eliane Vasconcelos de: **“O Protagonismo das Mulheres do Quilombo do Pacoval Através da Manifestação Cultural do Marambiré.”** TCC. ICS UFOPA. 2021.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Cruz de. **“Meninas negras no romance afro-brasileiro: grupo de estudos em literatura brasileira contemporânea.** Universidade de Brasília. 2021.

PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira Pinto. Escrevivência, testemunho e direitos humanos em Olhos D’Água de Conceição Evaristo. Revista Brasileira de Literatura Comparada. V.23, n. 43, p. 8-19, mai-ago, 2021. Doi:<https://doi.org/10.1590/2596-304x20212343cfpb>.

RIBEIRO, Djamila. “O que é lugar de fala?”. Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SAADA, Jeanne Favret. **“Ser Afetado”**. Caderno de Campo. V.13, p.155. 61,2005.

SANTOS, Débora Sirno E DIAS, Luciana de Oliveira. **“Escrevivência nas Universidades: Quando uma Professora Negra Fala Sobre Feminismo Negro”**- 5º Simpósio da Faculdade de Ciências Sociais.11 a 13 de setembro de 2019-Campus Samambaia, Goiania -Brasil: Democracia e Direitos Humanos-crises e conquistas. FCS UFG.

SANTOS, Milton: **“Ser Negro no Brasil Hoje”**. Folha de São Paulo, 2000.

SÁEZ, Oscar Calavia. “Esse Obscuro Objeto da Pesquisa” Um manual de método, técnicas e teses em Antropologia- 1ª edição- Edição do Autor: Ilha de Santa Catarina, 2013.

SOARES, Lissandra Vieira e MACHADO, Paula Sandrine. **“Escrevivência” como Ferramenta Metodológica na Produção de Conhecimento em Psicologia Social.** Associação Brasileira de Psicologia Política. Vol. 17. Nº39. P. 203 a 209. Mai-Ago. 2017.

SOUZA, Izabela Fernandes. **“Sou Entre Elas, na Encruzilhada dos Saberes”**: Dissertação de mestrado: UNILA-Universidade Federal de Integração Latino-Americana. Foz do Iguaçu- PR. 2019.

SCHWARCZ, Lili M. **“Usos e abusos da mestiçagem e da raça no Brasil”**. Uma história das teorias raciais em finais do século XIX. Afro-Ásia, nº18, 1996. p.77-101.

TSIN, Anna: **“Paisagens arruinadas”**. 2014.

DOCUMENTO AUDIOVISUAL

EVARISTO, Conceição Abraão, **Entrevista de Conceição Evaristo ao Canal TV BRASIL**, 2017. Disponível em: https://youtu.be/6pCq9Ed8_o Acesso em: 06/06/2021.

EVARISTO, Conceição. **Conferência de abertura Conceição Evaristo: Negras escritoras**-youtube, 2020. Acesso em: 09/06/2021.
Disponível em: <https://youtu.be/biBn732cI5E>.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista- Episódio 01 da série Ecos da Palavras**. youtube. Disponível em: <https://youtu.be/4EwKXpTIBhE>.
Acesso em: 26/07/2021 youtube, 2017

SANTOS, Abraão, youtube, 29/04 às 14h. 2021.– Youtube, EVARISTO, Conceição: **“Escritoras com Conceição Evaristo.”** Mulherio UFF . Acesso em: 15/06/2021.
Disponível em: <https://youtu.be/ehSaZiXLOvY>